

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A Herança dos Nossos Pais: que relação entre as experiências  
vividas na infância com os pais e a vivência da intimidade nas  
relações amorosas?**

**Estudo numa amostra de adolescentes e jovens adultos**

**Ana Rita Sousa Oliveira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica**  
**Dinâmica**

**2011**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A Herança dos Nossos Pais: que relação entre as experiências  
vivas na infância com os pais e a vivência da intimidade nas  
relações amorosas?**

**Estudo numa amostra de adolescentes e jovens adultos**

**Ana Rita Sousa Oliveira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica**

**Dinâmica**

**Dissertação orientada pela Prof. Doutora Constança Biscaia**

**2011**

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, um grande “obrigada “ à Professora Constança Biscaia, minha orientadora, por toda a ajuda prestada, pela disponibilidade e pela compreensão. Foi uma experiência positiva e, simultaneamente, uma agradável descoberta ter trabalhado consigo!

A todos os que colaboraram comigo na recolha dos dados:

Ivone, Matilde, Eva e Carlos;

Um agradecimento especial à Dra. Manuela Peleteiro, à Dra. Alexandra Pires e à Dra. Luísa Carvalho, por terem possibilitado a recolha de dados na Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP) Gerações (C. S. Benfica);

Quero, também, agradecer a todos os técnicos de saúde da UCSP Gerações, que tão bem acolheram esta investigação e que sempre se dispuseram a colaborar.

E, claro, obrigada a todos os que se disponibilizaram para responder aos questionários!

Sem o vosso apoio tudo teria sido muito mais difícil...

Ao Ricardo, meu companheiro, pelo amor, incentivo e compreensão ao longo de todo o percurso académico.

À minha família de origem, por estar ao meu lado quando é preciso.

À Sofia Lobo, minha ex-psicoterapeuta, por sempre ter confiado nas minhas potencialidades e por me ter ajudado a acreditar em mim.

Às minhas companheiras do percurso universitário, Eva, Helena e Andreia, pela amizade, alegria, conversas e partilha de experiências e angústias.

Ao Universo, por me ter concedido uma boa “estrelinha da sorte”, que me acompanhou e ajudou ao longo de todo o curso.

## Resumo

O principal objectivo deste estudo é averiguar a relação entre a representação do investimento parental (*bonding*) e o grau de intimidade que o adolescente/jovem adulto experimenta nas relações amorosas. Tendo como referencial teórico a teoria das relações de objecto e a teoria da vinculação, propõem-se quatro hipóteses: 1) quanto maior o investimento parental na criança ao nível do cuidado, maior será o grau de intimidade vivida mais tarde nas relações diádicas; 2) níveis mais elevados de investimento parental ao nível da protecção estarão relacionados negativamente com o grau de intimidade vivenciada nas relações amorosas; 3) a relação entre as variáveis ‘investimento parental’ e ‘grau de intimidade experimentado na relação diádica’ será mais significativa no que diz respeito ao investimento feito pela figura materna; 4) existirão diferenças no grau de intimidade experienciado na relação em função das variáveis idade, sexo, tipo de relação, tempo de relação e grau de satisfação com a relação. Participaram no estudo 113 pessoas com idades entre os 18 e os 29 anos. Todos os participantes estavam envolvidos numa relação amorosa no momento da participação no estudo. Foram aplicados dois instrumentos: a Escala de *Bonding* Parental e a Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR, bem como um questionário de dados sócio-demográficos. Os resultados confirmaram parcialmente as hipóteses, mas devem ser interpretados com precaução. Para a amostra em estudo, há relação, embora fraca, entre a percepção da ligação estabelecida com a mãe na infância e a vivência de intimidade nas relações amorosas. Não se encontraram diferenças significativas em função da idade, sexo, tipo de relação e tempo de relação. No entanto, verificaram-se diferenças em função do grau de satisfação com a relação. Algumas limitações e implicações para estudos futuros são apontadas.

**Palavras-chave:** intimidade, relações precoces, *bonding* parental, adolescentes, jovens adultos.

## Abstract

The main goal of this study is to ascertain the relation between parental investment (bonding) representation and the degree of intimacy which adolescent/young adult experiences in loving relationships. With the theoretical background of object relations theory and attachment theory, four hypotheses are proposed: 1) The higher the parental investment in the child care, the bigger the intimacy level experienced later on, in dyadic relationships; 2) higher levels of parental investment in child protection will be negatively related with the intimacy level experienced in loving relationships; 3) The relations between the 'parental investment' and 'intimacy level experienced in dyadic relationship' variables, will be more significant when it concerns to the investment made by the mother figure; 4) differences will exist in the intimacy level experienced on the relationship, depending on age, gender, relationship type, relationship duration and relationship satisfaction level variables. A hundred and thirteen people between the ages of 18 and 29 participated in the study. All participants were involved in a romantic relationship at the time of study participation. Two instruments were applied: *Escala de Bonding Parental* and *Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR*, as well as a sociodemographic data questionnaire. The results have partially confirmed the hypotheses, but they should be interpreted with caution. For the sample being studied, there is a relation, although weak, between the perception of the childhood relationship with the mother and the experience of intimacy in love relationships. No differences were found based on age, gender, relationship type and relationship duration. Although, differences were found based on relationship's satisfaction level. Some limitations and implications for future research are identified.

**Key-words:** intimacy, early relationships, parental bonding, adolescents, young adults.

## Índice

1. Enquadramento Teórico	1
1.1. O papel das relações precoces na construção daquilo que somos	1
1.1.1. O contributo da teoria das relações de objecto	2
1.1.2. O contributo da teoria da vinculação	6
1.2. Intimidade romântica nos adolescentes e jovens adultos	11
1.2.1. O conceito de intimidade	13
1.3. Estudos sobre a relação entre as experiências relacionais precoces e a vivência da intimidade	16
1.4. Objectivos e hipóteses da investigação	22
2. Metodologia	24
2.1. Participantes	24
2.2. Instrumentos	24
2.3. Procedimentos de recolha e análise de dados	29
3. Resultados	31
3.1. Análise dos resultados da Escala de <i>Bonding</i> Parental (EBP)	31
3.1.1. Análise da Fidelidade da EBP	31
3.1.2. Comparação de Médias das dimensões das sub-escalas paterna e materna em função das variáveis independentes	32
3.2. Análise dos resultados da Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR	33
3.2.1. Análise da Fidelidade do PAIR	33
3.2.2. Comparação de Médias das dimensões e total do PAIR em função das variáveis independentes	33
3.3. Análise da relação entre a percepção da ligação estabelecida com as figuras parentais e o grau de intimidade vivenciado na relação amorosa	35
3.3.1. Correlações entre as diferentes dimensões da intimidade e intimidade geral	35
3.3.2. Relação entre o grau de intimidade vivenciado na relação amorosa e a percepção da ligação estabelecida com as figuras parentais	36

4. Discussão Geral e Conclusões	39
Referências Bibliográficas	44
Anexos	48

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Características gerais das sub-escalas paterna e materna da EBP	32
<b>Quadro 2:</b> Características gerais do PAIR	33
<b>Quadro 3:</b> Análise das diferenças nas dimensões e total do PAIR, em função do grau de satisfação com a relação (ANOVA <i>one-way</i> )	34
<b>Quadro 4:</b> Correlações (Spearman) entre as dimensões da ligação parental (sub-escalas materna e paterna) e as dimensões da intimidade	37



## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1. O papel das relações precoces na construção daquilo que somos**

As relações significativas podem funcionar como factores de protecção ou de risco, uma vez que, ora fomentam o sentimento de segurança e auto-estima, contribuindo para o bem-estar geral do indivíduo, ora criam condições adversas de existência e envolvem grande sofrimento. Podemos conceptualizar o indivíduo como fazendo parte de uma matriz relacional desde o princípio da sua vida (Canavarro, 1999), na qual é dado à luz e se constitui como pessoa. A influência formativa dos primeiros relacionamentos sobre o funcionamento mental e sobre o comportamento é, indubitavelmente, profunda (Akhtar, 2005). Somos seres relacionais e, como tal, as relações desempenham um papel crucial na vida do ser humano.

Com base nesta premissa, existem duas perspectivas teóricas consideradas importantes para a compreensão das experiências relacionais precoces com as figuras significativas, e para a compreensão das suas consequências ao nível do desenvolvimento da estrutura da personalidade e das relações inter-pessoais – a teoria da vinculação e a teoria das relações de objecto (Bragança & Campos, 2010).

Segundo a teoria das relações de objecto, existem relações de objecto, ainda que primitivas, desde o início da vida do bebé (Ainsworth, 1969). Vários autores dentro da tradição das Relações de Objecto (e.g., Klein, Balint, Fairbairn, Winnicott) realçaram a importância da relação precoce mãe-bebé como modelo para relações futuras (Ainsworth, 1969; Mitchell, 2000). Já Freud (1938), após reformulação das suas ideias iniciais, se referiu à importância da mãe, descrevendo-a como única, sem paralelo, e como estando estabelecida para toda a vida como o primeiro e mais forte objecto de amor, funcionando como protótipo das relações amorosas posteriores.

De acordo com a teoria da vinculação, os ingredientes para o estabelecimento de relações íntimas na adolescência e na idade adulta podem ser encontrados nas experiências de infância (Lima, Vieira, & Soares, 2006). Estas constituem-se como as primeiras experiências emocionais de natureza relacional, e vão funcionar como protótipos para todas as relações íntimas durante todo o processo de desenvolvimento dos indivíduos (Soares & Dias, 2007, cit. por Bragança & Campos, 2010).

Em seguida, veremos com algum detalhe os principais contributos de alguns autores de referência no âmbito destas duas teorias.

### **1.1.1. O contributo da teoria das relações de objecto**

Neste ponto, vamos debruçar-nos sobre o aspecto relacional e desenvolvimentista da teoria de alguns autores importantes na tradição das relações de objecto. Vamos tentar elucidar, com recurso às suas ideias, como as relações com figuras significativas influem no desenvolvimento humano e contribuem para aquilo em que nos tornamos quando adultos.

Foi com o trabalho de Melanie Klein que as relações de objecto precoce passaram a desempenhar um papel crucial na origem e desenvolvimento da vida mental (Machado, 1997). Klein descreveu-a como “consistindo numa tapeçaria complexa de relações fantasiadas inconscientemente entre o Eu e os outros quer no mundo externo quer dentro do mundo imaginário dos objectos internos.” (Greenberg & Mitchell, 1983, p. 163). De facto, a autora forneceu o léxico básico que mais tarde serviu de base ao desenvolvimento da teoria das relações de objecto (e.g., os conceitos de “objectos internos” e “objectos parciais”), mas Klein e os seus seguidores sempre trabalharam na senda do modelo pulsional de Freud (Mitchell, 2000).

A expressão mais clara da mudança do modelo pulsional para o modelo relacional é promovida por Fairbairn, em conjunto com a “psicanálise interpessoal” de Sullivan (Greenberg & Mitchell, 1983).

Com Fairbairn, as relações com os outros passaram a ser vistas como o principal elemento constituinte da vida mental (Machado, 1997). A libido torna-se procura de objecto em vez de procura de prazer, e o objecto constitui-se como um meio para atingir o seu verdadeiro fim – as relações com os outros. Assim, desde o início da vida, logo, da vida mental, a libido é, essencialmente, orientada pela realidade na promoção da ligação do bebé aos primeiros objectos – primeiro, o seio da mãe; depois, a mãe como uma pessoa total (Greenberg & Mitchell, 1983; Kernberg, 2005). A procura pelo seio, forma mais precoce de relacionamento bebé-mãe, tem como finalidade salvaguardar a sobrevivência e desenvolvimento (quer biológico, quer emocional) do bebé. Como podemos perceber, para Fairbairn, o conceito de pulsão perde a sua centralidade, e tanto o mundo real dos objectos como a procura de contacto com estes passam a ter um lugar central no desenvolvimento.

Para Fairbairn, o desenvolvimento emocional humano passa por três estádios gerais: um primeiro período de dependência infantil, uma fase de transição e um estado de maturidade, que designa de “dependência madura” (Greenberg & Mitchell, 1983). Sendo que o estágio intermédio funciona como ponte entre os outros dois estádios, o

desenvolvimento normal consiste num processo de transição gradual de uma forma de relacionamento dependente e infantil com os outros, para a capacidade de um relacionamento adulto e mútuo, interdependente. O elemento-chave nesta transição parece ser o processo de separação. Separação do estado de fusão total em que o bebé se encontra com a sua mãe nos primeiros meses de vida, altura em que não se diferencia do corpo materno. Esta tendência para a fusão decorre da condição de total e incondicional desamparo em que o bebé se encontra, e a sua sobrevivência depende da presença e cuidados maternos (Fairbairn, 1943, cit. por Greenberg & Mitchell, 1983). Como vimos anteriormente, desde o nascimento, o bebé está orientado para a relação com os outros, sobretudo com a mãe, e esta procura de relação tem precisamente a ver com a sobrevivência, não só física mas, também, psicológica. Idealmente, sugere Fairbairn, este relacionamento precoce deveria durar enquanto o estado de dependência e de desamparo da criança o exigisse (tal como acontece nas outras espécies animais). No entanto, devido à transformação da sociedade (sobretudo, da Ocidental) e às exigências daí decorrentes para a mulher/mãe, este contacto intenso e contínuo raramente é possível, conduzindo a patologia (Greenberg & Mitchell, 1983). Assim, podemos começar a compreender o papel fundamental dos relacionamentos precoces e da sua qualidade no desenvolvimento do ser humano.

Balint, teórico pós-Fairbairn, também veio postular a existência de relações de objecto desde o início da vida, designando a primeira relação objectal como “amor de objecto passivo”, correspondendo esta ao desejo de ser amado de forma plena e incondicional (Greenberg & Mitchell, 1983). De forma semelhante a Fairbairn, Ballint também considera que a libido é procura de objecto, embora postule que a libido tem duas tendências básicas, sendo a outra a procura de prazer. Não obstante, o autor atribui às necessidades relacionais um estatuto primordial, afirmando que o amor de objecto primário não está ancorado a qualquer das zonas erógenas, sendo algo em si mesmo (Ballint, 1937, cit. por Greenberg & Mitchell, 1983). A procura de amor primário representa não só a primeira e mais básica forma de relações de objecto, como, em certa medida, subjaz a todas as outras relações objectais. O autor indica que nas culturas em que a ligação mãe-criança é cortada prematuramente, a restante vida torna-se uma procura de recuperação do amor de objecto passivo e as relações de objecto maduro (genitalidade) representam uma tentativa, ainda que indirecta, de proteger esse amor primário, passivo (Ballint, 1935, 1937, cit. por Greenberg & Mitchell, 1983). Esta ideia

sugere a importância da existência de relações precoces que nutram e preencham internamente o bebê.

Também Winnicott reconhece a importância das relações precoces para o desenvolvimento e atribui ao objecto externo um papel crucial na construção da vida mental. Aliás, o papel de destaque é atribuído à mãe, e isso leva Winnicott (1975) a dizer que não existe uma tal coisa como um bebê, ou seja, não podemos conceber a ideia de um bebê sozinho. O bebê existe como membro da díade mãe-bebê e este relacionamento estabelece a base para a criança poder experienciar o seu *self* (Akhtar, 2005). O bebê vem ao mundo num estado de “não integração”, isto é, a sua experiência não é integrada, resumindo-se a pedaços dispersos e difusos. A organização que a criança faz da sua experiência assenta nas percepções da mãe sobre o bebê (Greenberg & Mitchell, 1983). É a mãe que ajuda a juntar todos os pedaços e a dar-lhes sentido. Como nos diz Winnicott (1945), “um bebê que não tenha tido uma pessoa para reunir os seus pedaços começa a sua tarefa auto-integradora numa situação de desvantagem.” (Greenberg & Mitchell, 1983, p. 150).

Inicialmente, a mãe funciona como “ponte” entre o bebê e o meio ambiente. Esta função da mãe envolve três componentes: o segurar (*holding*), o manejar (*handling*) e a apresentação de objectos (*object presenting*) (Winnicott, 1975). O bebê deve ser segurado e manejado de forma satisfatória, e os objectos devem ser-lhe apresentados de forma a não quebrar a sua experiência de onipotência, ou seja, a sensação de que é ele que cria os objectos. A mãe deve proporcionar ao bebê um ambiente seguro, facilitador (*environment holding*), onde o bebê possa auto-explorar-se, explorar o meio e explorar as relações interpessoais que nele se tecem, com vista ao desenvolvimento da autonomia. No fundo, a mãe fornece o meio no seio do qual o bebê é experienciado e contido. A mãe que o consegue é uma mãe “suficientemente boa”, que permite ao bebê viver esta ilusão de que é ele que cria o mundo, que é sensível às suas necessidades, adaptando-se a elas. É uma mãe que espelha o seu bebê, devolvendo-lhe aquilo que vê, o que permite ao bebê experienciar o seu verdadeiro *self*. Falamos numa mãe suficientemente boa e não perfeita, porque as imperfeições são fundamentais num meio que permite crescer e aprender a lidar com a realidade (Machado, 1997). No entanto, se a mãe não é capaz de criar um bom ambiente e de espelhar o seu bebê, gera-se um falso *self*, um “outro diferente” que não o próprio, que reflecte uma forma de submissão às exigências exteriores, uma tentativa de ser amado. Progressivamente, a mãe suficientemente boa vai deixando de estar sempre presente (mesmo quando o está), e

esta presença não exigente da mãe é indispensável para o desenvolvimento da capacidade de o bebé estar só, que por sua vez é uma característica central no desenvolvimento de um *self* estável (Greenberg & Mitchell, 1983). Como vemos, a quantidade e qualidade do ambiente relacional proporcionado ao bebé, sobretudo pela mãe, é fundamental para o desenvolvimento. Experiências relacionais precoces positivas geram no indivíduo o sentimento de que a vida vale a pena e permitem-lhe viver de forma criativa, expressando o seu verdadeiro *self*. Pelo contrário, se aquilo que o bebé recebeu nas fases iniciais da sua vida não foi suficientemente bom, quando crescer não poderá viver de forma criativa e terá dúvidas acerca do valor da vida (Winnicott, 1975).

Os pós-kleinianos vão, também, salientando cada vez mais as qualidades do objecto real com o qual a criança vive as suas primeiras relações. Neste sentido, um contributo importante chega-nos de Bion, com o seu conceito de *revêrie* materna. A capacidade de *revêrie* diz respeito a um estado mental de calma e receptividade da mãe para acolher os conteúdos que lhe chegam do bebé e para lhes atribuir um significado. A mãe recebe e contém as angústias do bebé e transforma-as dando-lhes um sentido, um significado. Ao fazê-lo, torna o bebé progressivamente competente para pensar os seus próprios pensamentos (Machado, 1997; Sá, 2009). Novamente, o papel da mãe e as suas qualidades reais são postos em evidência.

Até aqui temos estado a fazer uma revisão das principais ideias que suportam a premissa da centralidade das relações precoces na construção daquilo que somos. Uma vez aceite esta ideia, podemos perguntar-nos: como é que as relações que temos na infância nos acompanham ao longo da vida e como podem influenciar a forma de nos relacionarmos com os outros?

De uma forma geral, as relações precoces com os objectos significativos vão-se internalizando. Estas internalizações vão permitir a organização da experiência sob a forma de representações generalizadas do *self*, do objecto e da relação entre ambos (Akhtar, 2005). Este processo termina naquilo que vamos designar por *relações de objecto internalizadas*<sup>1</sup>. É frequentemente aceite que estas imagens internas consistem

---

<sup>1</sup> De acordo com Greenberg e Mitchell (1983), na literatura psicanalítica são atribuídas diferentes denominações às representações mentais de outros: “Em diferentes sistemas teóricos são designados variavelmente como: «objectos internos», «outros ilusórios», «introjectos», «personificações» e os constituintes de um «mundo representacional».” (p. 31). Neste trabalho,

num resíduo, dentro da mente, dos relacionamentos com pessoas significativas na vida do indivíduo. De alguma maneira, as trocas relacionais com os outros deixam a sua marca, são internalizadas e, assim, vão moldar posteriores atitudes, percepções, reacções, etc. (Greenberg & Mitchell, 1983). O que parece gerar desacordo é o grau em que as experiências reais da infância são transformadas internamente por pulsões, afectos e fantasias inconscientes (Akhtar, 2005). Numa extremidade, onde encontramos Klein, enfatiza-se a natureza “fantasiosa”, motivada por pulsões, do mundo internalizado das relações objectais. Na outra extremidade, onde encontramos os psicanalistas interpessoais, acredita-se que as relações objectais internalizadas são um reflexo inalterado dos relacionamentos reais da infância. Num ponto intermédio, onde se encontra, por exemplo, Kernberg, propõe-se que embora os relacionamentos reais da criança realmente dêem origem às relações de objecto internalizadas, na personalidade adulta estas não são uma réplica exacta das relações da infância, uma vez que são afectadas pelo estado dos aparelhos do ego e pela economia das pulsões. Desta forma, as estruturas psíquicas reflectem apenas uma parte da realidade externa (*idem*).

Não sendo nosso objectivo unificar estas cisões teóricas, aquilo que parece importante reter é que, de facto, as relações precoces são internalizadas, gerando dentro da criança representações/imagens do *self* em relação com o objecto. Quer essas representações sejam mais coladas à realidade ou mais transformadas pela experiência interna, não podemos deixar de atribuir um papel importante à realidade externa, à qualidade e quantidade das interacções precoces, pois é daí que nasce a vida mental; é na relação com o outro significativo que nos tornamos pessoas.

### **1.1.2. O contributo da teoria da vinculação**

A teoria da vinculação, bem como os estudos realizados no seu contexto, trazem-nos um contributo fundamental para o reconhecimento da importância das relações no desenvolvimento humano. Tal como no ponto anterior, não nos interessa descrever exaustivamente a teoria, mas sim reunir as ideias que ajudam a suportar o postulado da centralidade das relações na construção daquilo que somos.

---

com o objectivo de poder generalizar a ideia da internalização das relações precoces, adoptámos a expressão *relações de objecto internalizadas*.

Esta teoria nasce do trabalho conjunto de John Bowlby e Mary Ainsworth (Ainsworth & Bowlby, 1991). Embora inicialmente ligado aos autores da teoria das relações de objecto, posteriormente Bowlby desenvolveu uma teoria independente recorrendo, para isso, a conhecimentos de áreas como a etologia, cibernética, processamento de informação, psicologia do desenvolvimento e psicanálise (Bretherton, 1992, Greenberg & Mitchell, 2003; Mitchell, 2000).

Bowlby (1951) considera que o bebé e a criança pequena deverão experienciar um relacionamento de cariz afectivo, íntimo e continuado com a mãe, do qual ambos retirem prazer e satisfação, e sugere que, para que o desenvolvimento mental decorra de forma harmoniosa, é necessário que a psique indiferenciada do bebé seja exposta à do organizador psíquico – a mãe. Ou seja, a experiência de auto-regulação da criança tem como base a experiência de ter sido regulada pela mãe.

Para Bowlby (1958, 1969), os laços afectivos são vistos como primordiais, de maneira que a vinculação não é concebida como secundária à satisfação de necessidades (e.g., alimentação) [em oposição à teoria pulsional de Freud], mas sim como primária, como uma motivação em si própria.

A teoria da vinculação postula que os bebés de todas as espécies nascem com um repertório de padrões de comportamento que tem como objectivo a sobrevivência. No caso dos bebés humanos, a sobrevivência é assegurada através do vínculo estabelecido com a mãe, dado o grau de imaturidade da criança. Este vínculo é o resultado da acção de um certo número de comportamentos (e.g., sorrir, chorar, agarrar) que têm como objectivo assegurar a proximidade do bebé à mãe (Bowlby, 1958, 1969). Vemos, assim, um bebé que nasce dotado biologicamente de um conjunto de comportamentos que lhe permitem estabelecer e manter relações de proximidade com uma figura adulta que lhe presta cuidados. Bastante cedo, o bebé aprende a dirigir o comportamento de vinculação para um adulto em particular – a sua mãe – e nenhuma outra figura poderá satisfazê-lo tanto como ela (Bowlby, 1958). Isto não significa que o bebé não possa vincular-se a outras pessoas, até porque poderá ter várias figuras de vinculação (e.g., pai, irmãos, avós). No entanto, irá manifestar uma preferência e existirá uma hierarquia entre as várias figuras de vinculação, indo a preferência do bebé para a figura materna (Ainsworth, 1979).

A observação de díades mãe-bebé levada a cabo por Ainsworth no Uganda e, posteriormente, em Baltimore, permitiram confirmar as ideias de Bowlby acerca do comportamento de vinculação. Ela observou que os bebés procuravam activamente o

contacto com a sua mãe quando estavam assustados, feridos, com fome, ou quando aquela se afastava por breves momentos, levando a autora a concluir que os bebés utilizam a mãe como uma base segura a partir da qual podem explorar o mundo, bem como um refúgio onde se sentem seguros (Ainsworth & Bowlby, 1991). O comportamento de vinculação está, pois, em interacção com os comportamentos de exploração (Ainsworth, 1979). Se o vínculo for seguro, isto é, se a criança sentir que a sua figura de vinculação está acessível e disponível quando é necessária, ela poderá partir à descoberta do mundo e de si própria; poderá rumar à autonomia. Mas para isso, precisa de sentir-se ligada, vinculada, pois só assim se sentirá confiante neste “ir e vir”.

Das observações de Ainsworth também resultou uma classificação dos principais padrões de vinculação – seguro (padrão B), ansioso-evitante (padrão A) e ansioso-ambivalente (padrão C) – cada um deles com características específicas no que toca à busca de proximidade física e de conforto com a mãe e, também, no que toca aos comportamentos de exploração do meio ambiente (Ainsworth, 1979; Tracy & Ainsworth, 1981). Apesar de todo o interesse deste tema, não cabe aqui explorá-lo de forma detalhada. No entanto, é importante referir que os bebés com uma vinculação segura têm mais comportamentos de exploração do meio e procuram mais a sua mãe como base segura quando estão aflitos, em contraste com os bebés com padrões de vinculação inseguros (Bowlby, 1969). Outro aspecto que merece ser salientado é que os estilos de vinculação estão associados a padrões distintos de cuidado maternal – ao nível da sensibilidade e responsividade da mãe perante os sinais do bebé (Ainsworth, 1979; Tracy & Ainsworth, 1981). Por exemplo, as mães dos bebés com um estilo de vinculação seguro mostraram ser mais sensíveis e responder de forma mais adequada aos sinais do bebé do que as mães dos bebés com estilos de vinculação inseguros (ansioso-ambivalente ou evitante). Relativamente ao contacto corporal, as mães dos bebés “evitantes” mostram uma grande aversão a esse tipo de contacto, enquanto as mães dos outros bebés não (Ainsworth *et al.*, 1978, cit. por Ainsworth, 1979). Estes dados mostram-nos, mais uma vez, como a qualidade da relação tem um impacto estrondoso no desenvolvimento humano.

O comportamento da figura de vinculação tem um papel preponderante no padrão de vinculação que a criança com ela estabelece, ainda que aquele também possa ser influenciado por características da própria criança. Assim, o estilo de vinculação emerge da relação, e é nas primeiras relações que construímos as formas de nos relacionarmos com os outros. Estas relações são internalizadas e acabam por funcionar



para nós como um “guia” interno que nos serve de orientação ao longo das várias relações que estabelecemos durante a vida. Bowlby (1969, 1973) designou estes “mapas” como modelos internos dinâmicos de vinculação (*internal working models*), resultando estes dos padrões de interação da criança com os pais (figuras de vinculação). A internalização dos padrões de relacionamento origina dois modelos – um da figura de vinculação e outro do próprio. Estes modelos baseiam-se no conhecimento e expectativas acerca da figura de vinculação (e.g., a sua acessibilidade e receptividade) mas, também, acerca de si próprio (e.g., se é ou não aceitável aos olhos das suas figuras de vinculação). Assim, os modelos internos dinâmicos ajudam a criança a interpretar e antecipar o comportamento de uma figura de vinculação, bem como a planear ou guiar o próprio comportamento na relação. Uma vez que os modelos internos dinâmicos se constroem a partir da relação, percebemos facilmente que ambos os modelos se complementam. Por exemplo, uma criança que tenha a experiência de ser amada e apoiada pelos pais criará modelos das figuras de vinculação como sendo disponíveis e amorosas; em complemento, construirá um modelo de si própria como sendo merecedora de amor e atenção. Mas poderá verificar-se o cenário oposto. Em relação a isso, Bowlby (1973) propôs que os pais rejeitantes terão, muito provavelmente, experienciado relações adversas com os seus pais na infância, de modo que os estilos parentais tendem a ser transmitidos ao longo das gerações. Outro aspecto importante é que os modelos internos dinâmicos tendem a permanecer relativamente inalterados durante o resto da vida. Isto acontece, por um lado, porque os padrões de interação tornam-se menos acessíveis à consciência à medida que se tornam habituais e automáticos (e, logo, menos passíveis de alteração) e, por outro lado, porque os padrões de relacionamento diádicos são mais resistentes à mudança do que os padrões individuais, devido às expectativas mútuas existentes (Bowlby, 1980, cit. por Bretherton, 1992).

Ora, se os modelos internos dinâmicos permanecem relativamente inalterados ao longo da vida, o mesmo acontece com os padrões de vinculação. Embora a estabilidade não seja absoluta, há tendência para que estes se mantenham até à idade adulta. O estudo pioneiro de Hazan e Shaver (1987), conceptualizando as relações românticas como um processo de vinculação nos adultos, mostra-nos isso mesmo. Há uma correspondência entre os estilos de vinculação da infância e os da idade adulta e estes parecem estar significativamente relacionados com os modelos internos dinâmicos e com as experiências relacionais com os pais na infância.

A teoria da vinculação dá-nos pistas para compreendermos o seu contributo no reconhecimento da importância das relações precoces com os pais. Os estilos relacionais que com eles estabelecemos ficam gravados em nós e acompanham-nos até à idade adulta, guiando a forma como nos relacionamos com os outros e modelando, em certa medida, a pessoa em que nos tornamos. Como nos diz Bowlby (1973):

“ (...) a experiência familiar daqueles que se tornarão pessoas relativamente estáveis e auto-confiantes é caracterizada não apenas pelo apoio infalível dos pais, quando a eles se recorre, mas ainda por um estímulo gradual e constante à crescente autonomia ( ... ). Assim, a herança da saúde mental ou enfermidade mental, transmitida através da microcultura familiar, não é menos importante e talvez seja muito mais importante, do que a herança transmitida através dos genes.” (Bowlby, 1973, p. 340).

Quando desenvolveu a teoria da vinculação, Bowlby (1969, 1973) postulou a existência de um complemento à vinculação – a ligação (*bonding*). A ligação é vista como um conjunto de estados mentais e recursos comportamentais, por parte da mãe (ou outra figura de vinculação), direccionados para o cuidado da criança e manutenção da proximidade física e psicológica, com vista à sua sobrevivência e desenvolvimento (Ramos, 2007). A ligação antecede a vinculação, simultaneamente desencadeando-a e condicionando-a, ou seja, a ligação não se resume a uma resposta da mãe a uma solicitação do bebé, surgindo antes de este nascer, no plano da representação e da fantasia – a ligação imaginada ao bebé imaginário precede a relação e lança terreno para o desenvolvimento desta (Lebovici, 1985, Winnicott, 1956, 1969, cit. por Ramos, 2007).

Embora o conceito de ligação tenha origem na teoria da vinculação, podemos encontrá-lo implícito nas ideias de alguns autores da teoria das relações de objecto – por exemplo, a *mãe suficientemente boa* de Winnicott e a capacidade de *rêverie* materna de Bion. Parece-nos que, no fundo, todos os teóricos das relações de objecto que valorizam a relação precoce mãe-bebé e que atribuem à mãe um papel de destaque na formação e desenvolvimento da vida mental da criança falam desta ligação, ou seja, da predisposição materna para se ligar ao seu bebé, para cuidar dele e protegê-lo, promovendo, simultaneamente, o desenvolvimento da autonomia.

Acabámos de ver os principais contributos da teoria das relações de objecto e da teoria da vinculação para o reconhecimento da importância das primeiras experiências relacionais do ser humano. A ideia central, em ambas as teorias, é que a partir das relações precoces – primeiro com a mãe e, gradualmente, com outras figuras significativas – constroem-se representações (do próprio, dos outros e das relações) que vão, de alguma forma, moldar a forma como vamos colocar e viver as outras relações ao longo da vida.

## **1.2. Intimidade romântica nos adolescentes e jovens adultos**

Temos vindo a enfatizar o papel importante das relações precoces para o desenvolvimento humano. Desde que nascemos até que morremos estamos em constante desenvolvimento, ainda que a ritmos diferentes consoante a idade. Mas o que é certo é que a cada fase do ciclo de vida correspondem aquisições específicas, designadas na literatura desenvolvimentista como “tarefas”. Assim, a perspectiva teórica que aqui adoptamos é uma perspectiva desenvolvimentista e é a partir daí que vamos olhar o tema da intimidade romântica dos adolescentes e jovens adultos.

No final da adolescência e início da idade adulta, o jovem depara-se com uma série de tarefas desenvolvimentais, das quais se destacam a separação psicológica em relação aos pais – aspecto fundamental da construção da autonomia – a consolidação da auto-estima e a capacidade para a interacção amorosa (Dias & Fontaine, 1996). De facto, o envolvimento romântico é um tema central para os adolescentes e, para os adultos, a capacidade para se envolver e manter uma relação íntima é um importante critério de ajustamento (Brown, Feiring, & Furman, 1999, cit. por Seiffge-Krenke, 2003). Os relacionamentos amorosos dos adolescentes acontecem no contexto alargado e complexo de importantes transformações desenvolvimentais, desempenhando, eles próprios, um papel de grande importância no curso dessas tarefas desenvolvimentais (Matos, 2006). Para os jovens adultos, a capacidade de ter parcerias íntimas de elevada qualidade é um indicador de desenvolvimento (Collins & Sroufe, 1999, Feldman, Gonen, & Fisher, 1998, cit. por Beyers & Seiffge-Krenke, 2010).

Como vimos, as relações amorosas dos adolescentes e jovens adultos acontecem num dado contexto de desenvolvimento e são, elas próprias, um importante contexto de desenvolvimento. Neste sentido, Erikson (1968, cit. por Beyers & Seiffge-Krenke, 2010) propôs que a principal tarefa desenvolvimental para o adolescente é resolver a

crise *identidade vs confusão de identidade*, cujo desenrolar positivo culmina com a aquisição de um sentido de unicidade e de continuidade ao longo do tempo (um *self* coerente) e com o conhecimento e integração dos seus papéis na sociedade. A identidade forma-se à medida que os jovens resolvem três questões fundamentais – a escolha de uma ocupação, a adopção de valores pelos quais guiam a sua vida, e o desenvolvimento satisfatório de uma identidade sexual. No entanto, a “crise de identidade” raramente fica resolvida na adolescência e as questões acerca da identidade continuam a surgir ao longo da vida adulta (Papalia, Olds, & Feldman, 2007). Um aspecto importante da crise *identidade vs confusão de identidade* é a procura de compromissos, por parte do adolescente, aos quais possa ser fiel. Isto é relevante porque mantendo-se fiel aos seus compromissos o adolescente estará mais apto a resolver a crise de identidade. Aqueles que são capazes de resolver esta crise de forma satisfatória desenvolvem a virtude da *fidelidade* – lealdade, fé, e um sentimento de pertença a uma pessoa que lhe é querida ou aos amigos e companheiros (Erikson, 1982, cit. por Papalia et al., 2007).

Relativamente aos jovens adultos, de acordo com Erikson (1968, cit. por Beyers & Seiffge-Krenke, 2010) a crise a resolver será *intimidade vs isolamento*, onde o foco dos jovens adultos deverá estar na capacidade para desenvolver relações próximas e de intimidade com outros. O desfecho positivo desta crise implica o desenvolvimento de relações de amizade próximas, bem como de relações amorosas e sexuais. O facto de o adolescente/jovem adulto ter alcançado um sentimento seguro de identidade funciona como base a partir da qual se desenvolvem formas maduras de intimidade relacional. O autor enfatizou que os adolescentes que não consigam encontrar uma identidade adequada poderão ter dificuldade em formar e manter relações amorosas duradouras. A aquisição da capacidade de intimidade surge, assim, como uma importante tarefa desenvolvimental.

As relações românticas têm o potencial de afectar positivamente o desenvolvimento, mas também podem colocar os adolescentes/jovens em risco (e.g., gravidez indesejada, depressão). As experiências românticas mudam substancialmente ao longo da adolescência – no caso dos adolescentes heterossexuais, inicialmente o contacto com o sexo oposto é feito no contexto do grupo de pares; depois passam para as saídas em grupo; e, finalmente, iniciam as relações românticas diádicas (Furman, 2002). Brown (1999, cit. por Seiffge-Krenke, 2003) propõe uma sequência desenvolvimental para as relações românticas, sugerindo que os adolescentes tardios se

encontram na fase do afecto (*affection phase*) e os jovens adultos na fase da ligação (*bonding phase*). Na fase do afecto há uma mudança de foco – o contexto em que a relação ocorre perde a sua importância e o que passa a interessar é a relação em si. O relacionamento romântico torna-se uma questão pessoal e relacional. Os parceiros neste tipo de relação nutrem sentimentos mais profundos de compromisso para com a relação, expressam maior preocupação um com o outro e, geralmente, envolvem-se em actividade sexual mais vasta. Por sua vez, na fase de ligação espera-se que haja o mesmo grau de profundidade na relação que caracteriza a fase anterior, embora os indivíduos adoptem uma perspectiva mais pragmática. As questões centrais desta fase prendem-se com a possibilidade de passar o resto da vida com o mesmo parceiro. Tipicamente, os membros de um casal vêem-se como inseparáveis, embora continuem a ser indivíduos distintos, o que pode fazer surgir, de novo, questões relacionadas com a identidade. As expectativas e experiências dos adolescentes nas relações amorosas estão relacionadas com as suas relações com os pais e com os pares (Furman, 2002). Podemos afirmar, com alguma certeza, que as relações amorosas dos jovens adultos também são, de alguma forma, influenciadas pela relação com os pais.

Vimos que a capacidade para estabelecer relações amorosas é um marco do desenvolvimento, em particular para os adolescentes e jovens adultos. Mais do que estabelecer uma relação amorosa, o verdadeiro desafio nesta fase do ciclo de vida é envolver-se numa relação íntima. Mas como definimos ‘intimidade’? Em seguida fazemos uma breve revisão deste constructo.

### **1.2.1. O conceito de intimidade**

Falar de intimidade não é tarefa fácil. O conceito de intimidade é complexo e difícil de definir e operacionalizar, verificando-se uma grande variabilidade na conceptualização deste constructo ao longo da literatura (Laurenceau, Barrett, & Pietromonaco, 1998; Register & Henley, 1992; Weinberger, Hofstein, & Whitbourne, 2008). A origem etimológica de ‘intimidade’ provém de *intimus*, que significa “interior, profundo, essencial” (Lello & Lello, 1970, cit. por Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006; Narciso & Ribeiro, 2007), o que nos remete para o campo das relações mais significativas dos indivíduos, nas quais estão implicados os aspectos mais privados e interiores, que não são divulgados nas interacções sociais quotidianas (Crespo et al., 2006).

Existem várias formas e contextos de intimidade (Crespo et al., 2006), como por exemplo, as relações entre pais e filhos, relações de amizade próximas, e a actividade sexual no contexto de relações românticas (Register & Henley, 1992). ‘Intimidade’ é um conceito multidimensional com significados diferentes para várias pessoas, sobretudo em culturas diferentes (Hook, Gerstein, Detterich, & Gridley, 2003).

De entre tanta divergência acerca deste conceito, no contexto das relações românticas, alguns autores têm definido intimidade como uma qualidade das interacções, enquanto outros têm-se centrado na motivação para procurar experiências íntimas. As assumpções acerca da forma como a intimidade se desenvolve e se mantém nas relações também são alvo de desacordo. Alguns autores propõem que a intimidade se desenvolve através da auto-revelação, enquanto outros sugerem que são componentes adicionais, tais como o nível de responsividade do parceiro, que contribuem fortemente para o desenvolvimento da intimidade nas relações. A intimidade também tem sido conceptualizada como sendo um estado ou um processo (Laurenceau et al., 1998).

De um ponto de vista desenvolvimentista, Sullivan (1953, cit. por Thériault, 1998) definiu intimidade em termos de uma procura de confidentes do mesmo sexo na pré-adolescência, que muda para uma procura de parceiros do sexo oposto na adolescência. Nos dois casos, a intimidade diz respeito à procura de proximidade emocional e de auto-validação, sendo através da satisfação destas necessidades que o indivíduo adquire a capacidade para a intimidade. Erikson (1963, cit. por Weinberger, Hofstein, & Whitbourne, 2008) propôs a intimidade como sendo uma característica do indivíduo e não como uma qualidade do par romântico. O autor salientou três aspectos da capacidade para a intimidade: vontade de estabelecer um compromisso com outra pessoa, capacidade para partilhar a um nível pessoal profundo, e capacidade para comunicar pensamentos e sentimentos internos, mais profundos.

Uma visão integrativa que pretende superar as dicotomias encontradas na literatura (e.g., ‘individual vs relacional’ e ‘estado vs processo’) é proposta por Costa (1996, cit. por Crespo et al., 2006). A ideia é que o percurso desenvolvimental de cada um, bem como a sua capacidade e motivação para a intimidade, encontram-se e desta interacção emerge a relação. Nas suas próprias palavras, “ (...) a intimidade acontece na relação com o outro e, portanto, não basta estar desenvolvimentalmente preparado para uma relação de intimidade; é necessário que a dinâmica relacional permita a sua actualização e promoção para que seja simultaneamente tarefa e estrutura desenvolvimental.” (Costa, 1996, p.8). A autora propõe uma visão desenvolvimental e

sistémica da intimidade, realçando os seus aspectos mais estruturais, bem como a importância do percurso desenvolvimental de cada um dos elementos da díade e os respectivos processos de diferenciação (Crespo et al., 2006). Também Schnarch (1991, cit. por Crespo et al., 2006) se encontra na mesma linha de pensamento, dizendo que a intimidade é um processo multissistémico, inter e intrapessoal, que envolve a relação do indivíduo com o parceiro e a relação consigo próprio.

Como vemos, existe uma grande diversidade de perspectivas sobre a intimidade. Não obstante, este constructo tem sido conceptualizado, pela maioria dos autores, como sendo multidimensional, contendo diferentes componentes essenciais (Moreira, Amaral, & Canavarro, 2009). Hook, Gerstein, Detterich e Gridley (2003), identificaram as quatro características mais referidas na literatura, que compõem as interações íntimas: *amor e afecto, validação pessoal, confiança e auto-revelação*. O amor e o afecto (sentir-se querido) possibilitam às pessoas expressarem os seus pensamentos e sentimentos livremente. A validação pessoal diz respeito ao sentimento de se ser aceite e compreendido pelo outro, o que, por seu turno, possibilita a abertura e a auto-revelação. A confiança também é um aspecto essencial da intimidade, uma vez que permite à pessoa sentir-se segura para revelar assuntos mais profundos. Por último, a auto-revelação diz respeito à partilha de aspectos mais privados e íntimos.

Também para Schaefer e Olson (1981, cit. por Moreira, Amaral, & Canavarro, 2009) a intimidade é um conceito multidimensional. Os autores propuseram sete tipos diferentes de intimidade: 1) *intimidade emocional*, que diz respeito à vivência de proximidade de sentimentos e envolvimento em interações que se caracterizam pela auto-revelação e validação; e, também, à capacidade e liberdade para partilhar espontaneamente e num ambiente não defensivo, caracterizado pelo sentimento de apoio e compreensão verdadeira; 2) *intimidade social*, que se refere às experiências de partilha de amigos comuns e afinidade nas redes sociais; 3) *intimidade intelectual*, que respeita à partilha e discussão positiva de ideias e de assuntos do dia-a-dia; 4) *intimidade sexual*, que envolve a partilha generalizada de afecto, a proximidade física, o toque e/ou actividade sexual; 5) *intimidade recreacional*, que diz respeito ao envolvimento em actividades conjuntas e à partilha de interesses e de actividades de lazer; 6) *intimidade espiritual* – que corresponde à partilha do sistema de crenças ou religião; 7) *intimidade estética*, que se refere à proximidade que se origina na partilha do que é considerado belo.

Como vimos, o conceito de ‘intimidade’ é vasto e complexo, e muito mais haveria a dizer. No entanto, o mais importante a reter, no contexto deste trabalho, é que a intimidade é algo que tem a ver com as características individuais de cada parceiro, servindo a relação como o palco onde essas características são postas em cena, gerando uma relação com maior ou menor grau de intimidade.

### **1.3. Estudos sobre a relação entre as experiências relacionais precoces e a vivência da intimidade**

O domínio da investigação tendo por base a teoria da vinculação tem sido particularmente frutífero. Nas décadas mais recentes, vários autores debruçaram a sua atenção sobre a vinculação adulta. Uns têm tentado perceber se existe uma relação entre o estilo de vinculação da infância e o da idade adulta, enquanto que outros têm-se debruçado sobre aspectos da relação precoce com os pais e sua influência na vinculação amorosa. Outros, ainda, procuram avaliar dimensões específicas da vivência de relações amorosas, relacionando-as com as experiências de infância. Como dissemos, este domínio da investigação tem sido bastante produtivo. Assim sendo, faremos uma revisão sobre alguns estudos importantes tendo como quadro de referência a teoria da vinculação.

As relações amorosas foram inicialmente conceptualizadas como sendo as relações de vinculação dos adultos por Hazan e Shaver (1987). Os autores realizaram um estudo onde tentaram estabelecer um paralelo entre os três principais estilos de vinculação da infância (seguro, ansioso-ambivalente e evitante) e aqueles encontrados na idade adulta, no contexto das relações amorosas. Verificaram uma incidência semelhante dos três estilos de vinculação, resultado que também foi confirmado por Feeney e Noller (1990).

Não só a distribuição dos três estilos de vinculação é idêntica entre a infância e a idade adulta, como a tendência é que haja uma manutenção do estilo de vinculação. Partindo da assumpção de que os estilos de vinculação adoptados na adolescência/idade adulta estão intimamente relacionados com os estilos desenvolvidos na infância, os investigadores começaram a debruçar a sua atenção sobre os modelos internos dinâmicos – desenvolvidos no seio das relações de vinculação – e a forma como



influenciam a maneira de os indivíduos se colocarem perante as relações românticas na adolescência/adultícia.

Hazan & Shaver (1987) verificaram que pessoas com diferentes estilos de vinculação diferem na forma como vivenciam e descrevem as relações amorosas, nas crenças que têm acerca da disponibilidade e confiabilidade dos parceiros amorosos, bem como na crença de serem ou não merecedores de amor. As pessoas com uma vinculação segura descrevem a sua experiência amorosa mais importante como tendo sido particularmente feliz, amigável e de confiança. Estes indivíduos referem sentir-se aptos para aceitar e apoiar o seu parceiro. As pessoas evitantes caracterizam-se, sobretudo, pelo medo da intimidade, por “altos e baixos” emocionais e pelo ciúme. As pessoas ansiosas-ambivalentes referem as relações amorosas como envolvendo obsessão, desejo de reciprocidade e união, instabilidade emocional, ciúme e atracção sexual intensa. Estes resultados mostram que existem três estilos distintos de relacionamento amoroso.

Com base na tipologia proposta por Hazan e Shaver (1987), Collins e Read (1990) realizaram uma investigação composta por três estudos. No primeiro, encontraram três dimensões da vinculação adulta – o conforto com a proximidade; a medida em que se sente poder depender dos outros; e a ansiedade ou medo sobre ser abandonado ou rejeitado. No segundo estudo, os autores exploraram a relação entre estas dimensões da vinculação e os modelos internos dinâmicos (do *self*, dos outros, e da relação amorosa). Os resultados mostraram que as dimensões da vinculação estão relacionadas com a auto-estima, expressividade, confiança nos outros, crenças acerca da natureza humana e formas de amar. Pessoas que se sentem mais confortáveis com a proximidade e que são capazes de depender dos outros (o que indica um estilo de vinculação mais seguro) têm um maior senso de auto-estima, possuem crenças mais positivas acerca do mundo social e vêem as pessoas como confiáveis e em quem se pode depender. Por outro lado, as pessoas com um estilo de vinculação mais ansioso têm padrões muito diferentes, consistindo, sobretudo, de crenças negativas acerca de si e dos outros.

Simpson (1990) realizou um estudo longitudinal com 144 casais, procurando perceber qual o impacto dos estilos de vinculação sobre as relações românticas. Os resultados mostraram que os três estilos de vinculação (seguro, ansioso-ambivalente e evitante) tendem a estar associados com relações amorosas qualitativamente diferentes. As pessoas com um estilo de vinculação seguro têm tendência a envolver-se em relações caracterizadas por elevados níveis de interdependência, confiança, satisfação e

compromisso. Por sua vez, as pessoas com estilos de vinculação inseguros – sobretudo, as muito evitantes – têm propensão a envolver-se em relações com características opostas. Além disso, os três estilos de vinculação estão fortemente associados com diferentes padrões de experiência emocional no seio das relações. As pessoas com um estilo de vinculação seguro têm relações em que há uma maior ocorrência de emoções positivas e uma menor frequência de emoções negativas. As pessoas com estilos de vinculação ansiosos e evitantes revelam o padrão oposto. Estes dados complementam as evidências encontradas noutros estudos (e.g., Collins & Read, 1990, Hazan & Shaver, 1987).

Matos e Costa (2006), num estudo realizado com adolescentes, também procuraram averiguar as associações entre a vinculação aos pais e a vinculação ao par amoroso. Os resultados evidenciaram, na sua generalidade, a presença de regularidades entre estes dois domínios da vinculação. Se bem que a magnitude dos valores encontrados seja moderada, as evidências apontam no sentido de que adolescentes com uma vinculação segura às figuras parentais relacionam-se, também, de forma mais segura com o parceiro romântico.

Ainda no sentido de avaliar a influência dos modelos mentais no comportamento amoroso, Madsen, Hennighausen, Sroufe e Collins (2001) realizaram um estudo longitudinal com adolescentes/jovens adultos, onde os resultados dos adolescentes (19 anos) na *Adult Attachment Interview* (AAI) foram relacionados prospectivamente com as observações dos comportamentos diádicos com os parceiros românticos na idade jovem adulta (20-21 anos). Os resultados demonstraram associações significativas entre as representações que os adolescentes têm das suas relações com os pais na infância e a qualidade posterior das suas interações com os parceiros românticos. Em seguida, foi testado um modelo através do qual os modelos internos dinâmicos dos participantes (tal como inferidos a partir da AAI) medeiam a correlação entre comportamentos diádicos progenitor-criança (avaliados através de observação aos 13 anos) e os comportamentos em relações românticas dos participantes aquando jovens adultos (20-21 anos). Os resultados foram consistentes com o princípio de que as experiências significativas progenitor-criança são internalizadas e transportadas para as relações adultas.

Os dados de investigações têm mostrado que as experiências da infância com os pais, “condensadas” num determinado estilo de vinculação e transportadas para a idade adulta por meio de representações/modelos mentais, moldam as vivências amorosas,

dando-lhes nuances diferentes consoante se é mais seguro ou inseguro. Outra forma de estudar a associação do estilo de vinculação infantil e o estilo de vinculação amorosa é através da avaliação da percepção das vivências da infância com os pais. Ou seja, os autores têm avaliado directamente a relação entre a percepção dos cuidados parentais na infância e a forma como os indivíduos se relacionam com o parceiro romântico e se posicionam face às relações amorosas.

No seu estudo pioneiro, já referido anteriormente, Hazan & Shaver (1987) também verificaram que os melhores preditores do tipo de vinculação adulta são as percepções que cada indivíduo tem da qualidade da relação com os pais e da relação dos pais entre si. Resumidamente, as pessoas com uma vinculação segura, em comparação com as que têm uma vinculação insegura, referem relações mais calorosas com ambos os progenitores e entre estes. Os indivíduos evitantes, em comparação com os ansiosos-ambivalentes, descrevem mais as suas mães como frias e rejeitantes. Os indivíduos ansiosos-ambivalentes consideram o pai como sendo injusto.

Num outro estudo, Feeney e Noller (1990) analisaram a história de vinculação de cada indivíduo, bem como os modelos mentais. Os resultados encontrados vão, na sua maioria, de encontro àqueles verificados por Hazan e Shaver (1987). Os indivíduos seguros tendem a referir experiências familiares precoces mais positivas e a expressar atitudes de confiança em relação aos outros. Os sujeitos ansiosos-ambivalentes foram os que mais relataram falta de apoio paternal; expressaram, também, dependência e desejo de compromisso nas relações amorosas. Os indivíduos evitantes são aqueles que relatam menos confiança nos outros e afastamento destes. Além disso, a principal característica das pessoas com este estilo de vinculação é o evitamento da intimidade.

Collins e Read (1990), no terceiro estudo que levaram a cabo, também verificaram que existe relação entre as três dimensões dos estilos de vinculação e a história do relacionamento com os pais. De uma forma geral, as pessoas que percebem a sua relação com os pais como calorosa e não rejeitante têm maior confiança de poder depender dos outros e são menos ansiosas em relação a serem abandonadas ou rejeitadas. Em contraste, aqueles que recordam a sua relação com os pais como tendo sido fria e inconsistente, têm maior receio de ser abandonados e são menos capazes de depender dos outros. Estes resultados complementam os encontrados por Hazan e Shaver (1987) e Feeney e Noller (1990).

Num estudo realizado com grávidas adolescentes com o objectivo de estimar a influência das memórias de cuidados pelos pais durante a infância no estilo de

vinculação e na qualidade das relações com pessoas significativas na gravidez, Rodrigues et al. (2004) obtiveram resultados que sugerem que a qualidade dos cuidados parentais durante a infância é um factor determinante para a qualidade da vinculação em grávidas adolescentes. Sobretudo, a rejeição e a ausência de suporte emocional por parte de ambos os pais mostram ser decisivas na emergência de estratégias inseguras de vinculação. A qualidade dos cuidados parentais durante a infância influencia, também, a qualidade do relacionamento com o companheiro. Surgem, ainda, indicações de que os cuidados parentais durante a infância determinam a qualidade do relacionamento do indivíduo com pessoas significativas na adolescência/adulthood, na medida em que contribuem para o elaborar de estratégias seguras ou inseguras da vinculação.

Bragança e Campos (2010), num estudo levado a cabo com uma amostra de universitários, procuraram estudar a forma como experiências disfuncionais na relação precoce com as figuras significativas se podem relacionar com um estilo de vinculação amorosa inseguro na idade adulta. De acordo com os resultados que encontraram, parece existir uma menor tendência nos indivíduos com estilo seguro, relativamente aos sujeitos com estilos inseguros, para percepcionar a relação precoce com os pais como abandonica e rejeitante. De acordo com os resultados deste estudo, as experiências de vinculação com figura materna mostraram-se mais importantes para a vinculação ao par amoroso do que as experiências com a figura paterna.

Falar em relações amorosas é falar em relações íntimas por excelência. Estar em intimidade envolve certas competências pessoais – algumas das quais revistas anteriormente, embora no quadro de outras perspectivas teóricas. No entanto, se analisarmos a capacidade para estar em intimidade à luz da teoria da vinculação, teremos uma compreensão adicional das perturbações nessa mesma capacidade.

Cassidy (2001) fez uma revisão acerca da ligação entre a vinculação segura e a capacidade para participar em relações íntimas com sucesso, considerando quatro aptidões fundamentais para a intimidade – capacidade para procurar cuidado, capacidade de cuidar, capacidade de sentir-se confortável com um *self* autónomo, e capacidade para negociar. A autora referiu diversos estudos (e.g., Collins & Feeney, 2000, 1987, Feeney & Noller, 1990/1992, Feeney, 1996, Fraley & Shaver, 1998, Hazan & Shaver, Simpson, Rholes & Nelligan, 1992, Kuncle & Shaver, 1994) que suportam a ideia de que estas aptidões se desenvolvem no seio da relação de vinculação com os pais, sendo posteriormente transportadas para as relações amorosas. O que sobressai destes estudos é que capacidade dos adultos para estar em intimidade nas relações

diádicas difere consoante os estilos de vinculação. O estilo de vinculação seguro está positivamente associado com a intimidade. Os estilos de vinculação insegura diferem em vários aspectos, mas cada um deles é susceptível de interferir com uma procura de cuidado bem sucedida, com a capacidade para cuidar do outro, com a capacidade de se envolver numa relação mantendo a sua individualidade (*self* autónomo), e com a aptidão para negociar o nível de contacto íntimo desejável, interferindo, assim, com a capacidade para a intimidade.

Estilos de vinculação mais inseguros estão, portanto, associados a perturbações na vivência da intimidade. É o que nos mostra, por exemplo, o estudo realizado por Sobral, Almeida e Costa (2010). Os autores recorreram à teoria da vinculação, nomeadamente ao modelo de Bartholomew (1990, cit. por Sobral, Almeida, & Costa, 2010) – um modelo bidimensional da vinculação, constituído por quatro padrões: seguro (modelo positivo de si e do outro), preocupado (modelo negativo de si e positivo do outro), desinvestido (modelo positivo de si e negativo do outro) e amedrontado (modelo negativo de si e do outro) – para investigar a relação entre os estilos de vinculação ao pai e à mãe, bem como ao par amoroso, e o medo da intimidade. Os resultados sugeriram que, relativamente à qualidade da vinculação aos pais, parecem ser os desinvestidos e os preocupados aqueles que apresentam mais medo da intimidade. Para ambas as figuras parentais, os seguros aparecem como os que menos têm medo da intimidade, em conjunto com os amedrontados. No que toca à qualidade de vinculação ao par amoroso, são os amedrontados e os desinvestidos aqueles que parecem ter mais medo da intimidade, seguindo-se dos preocupados e, finalmente, dos seguros. O que se salienta deste estudo é que os indivíduos com uma vinculação segura apresentam menos medo da intimidade do que pessoas com estilos de vinculação inseguros, o que é bastante compreensível tendo em conta as características de cada estilo de vinculação, quer ao nível relacional, quer ao nível dos modelos internos dinâmicos (ver estudos de Collins & Read (1990), Feeney e Noller (1990), Hazan & Shaver (1987), Simpson (1990)).

Moreira, Amaral e Canavarro (2009) encontraram correlações significativas entre o grau de intimidade experienciado nas relações diádicas e as três dimensões da vinculação propostas por Collins e Read (1990). Nomeadamente, quanto maior o conforto com a proximidade e a confiança nos outros, maior o grau de intimidade vivenciado. Por outro lado, quanto maior o receio de ser abandonado ou de não ser querido pelos outros, menor é o nível de intimidade avaliado na relação. Estas autoras

encontraram, ainda, importantes correlações entre a duração e a qualidade das relações e a intimidade experienciada. Os dados apontam para o facto das relações mais duradouras estarem associadas a menores níveis de intimidade quando comparadas com relações de menor duração; e quanto maiores os níveis de intimidade, maiores os níveis de satisfação do indivíduo com a sua relação.

Chegados ao fim desta breve revisão, a principal ideia a reter é que as relações significativas da infância são internalizadas e transportadas para as relações futuras sob a forma de modelos internos dinâmicos/representações do *self*, do outro e das relações, e que estes modelos têm grande influência na capacidade individual para estabelecer e viver relações íntimas na adolescência/idade adulta.

#### **1.4. Objectivos e hipóteses da investigação**

Vimos que as experiências vividas na infância com as figuras significativas – normalmente os pais – desempenham um papel importante no desenvolvimento emocional e relacional do ser humano. Alguns autores atribuem um lugar de destaque à relação estabelecida precocemente entre a mãe e a criança, assumindo que esta funcionará como protótipo para as relações íntimas desenvolvidas mais tarde na vida das pessoas. Neste sentido, torna-se importante explorar as ligações existentes entre estas experiências relacionais precoces e os vários aspectos do desenvolvimento emocional e relacional dos indivíduos. Um destes aspectos, fundamental ao desenvolvimento do ser humano, é a capacidade de estabelecer e manter relações amorosas, em que exista um grau considerável de intimidade. Com o intuito de podermos contribuir, de alguma forma, para expandir o conhecimento nesta área, propomo-nos avançar, numa tentativa de compreensão da relação existente entre as experiências relacionais vividas na infância com os pais e grau de intimidade que o adolescente/jovem adulto experimenta na relação amorosa/diádica. Olhamos para as experiências de infância do ponto de vista do investimento parental sentido, na medida em que nos interessa compreender como a percepção do tipo de relação estabelecida pelos pais com a criança/adolescente vai influenciar a vivência da intimidade nas relações amorosas. O interesse pelo contexto das relações amorosas tem a ver, sobretudo, com o facto de estas serem palco para grandes e importantes conquistas desenvolvimentais neste período do ciclo de vida.

Formulámos, assim, como objectivo geral de investigação procurar aperceber se existe alguma relação entre a representação do investimento parental e o grau de intimidade que o adolescente/jovem adulto experimenta ao nível das relações diádicas. A partir deste objectivo geral definimos os seguintes objectivos específicos: Estudar a relação entre o grau de intimidade experimentado na relação diádica em três dimensões diferentes – *Validação Pessoal*, *Comunicação* e *Abertura ao Exterior* – e a representação do investimento parental, nas dimensões de *Cuidado* e *Protecção*; averiguar se existem diferenças no grau de intimidade experimentado em função de variáveis como a idade, sexo, tipo de relação, tempo de relação e satisfação com a relação.

Com base nestes objectivos e na revisão de literatura realizada propomos as seguintes hipóteses: 1) Quanto maior o investimento parental na criança ao nível do cuidado, maior será o grau de intimidade vivida mais tarde nas relações diádicas; 2) níveis mais elevados de investimento parental ao nível da protecção estarão relacionados negativamente com o grau de intimidade vivenciada nas relações amorosas, ou seja, quanto maior o reforço, por parte dos pais, dos comportamentos de dependência, menor será o nível de intimidade experimentada nas relações pelos adolescentes/jovens adultos; 3) a relação entre as variáveis ‘percepção do investimento parental’ e ‘grau de intimidade experimentado na relação diádica’ será mais significativa no que diz respeito ao investimento feito pela figura materna; 4) existirão diferenças no grau de intimidade experienciado na relação em função das variáveis idade, sexo, tipo de relação, tempo de relação e grau de satisfação com a relação.

## **2. Metodologia**

Neste capítulo descrevemos a amostra, os instrumentos utilizados e os procedimentos envolvidos nesta investigação.

### **2.1. Participantes**

A amostra deste estudo é constituída por 113 pessoas ( $n=113$ ), de ambos os sexos, sendo que 78 (69%) são do sexo feminino e 35 (31%) são do sexo masculino. As idades variam entre os 18 anos e os 29 anos ( $M=25.10$ ;  $DP=3.15$ ). Foram eliminados 31 participantes da amostra inicial devido à omissão de dados no preenchimento dos questionários.

Relativamente às habilitações académicas, na amostra verificou-se que 38.1% dos indivíduos tinham uma licenciatura, 36.3% tinham o ensino secundário, 18.6% possuíam um mestrado e os restantes 7.1% tinham o terceiro ciclo.

Quanto ao tipo de relação amorosa mantida, 64.6% descreveram a sua relação como sendo um namoro e 35.4% descreveram-na como sendo um casamento ou união de facto. No que respeita à duração da mesma no momento de participação no estudo, 30.1% referiram estar na relação entre dois e cinco anos, 26.5% disseram estar na relação entre cinco e dez anos, 20.4% entre um e dois anos, 16.8% há menos de um ano e apenas 6.2% referiram que a relação dura há mais de dez anos. Relativamente ao grau de satisfação com a relação, 42.5% consideraram-se muito satisfeitos, 41.6% consideraram-se satisfeitos, 11.5% disseram estar medianamente satisfeitos e apenas 4.4% referiam estar pouco satisfeitos com a relação.

### **2.2. Instrumentos**

Nesta investigação utilizámos os seguintes instrumentos: a Escala de Bonding Parental (EBP), que avalia, separadamente, a representação do investimento parental; e a Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR, que pretende medir o grau de intimidade numa relação diádica. Utilizámos, também, uma ficha para recolha de dados sócio-demográficos.



**Escala de Bonding Parental (EBP).** A Escala de Bonding Parental é um questionário de auto-resposta adaptado para a população portuguesa por Ramos, Leal e Maroco (2010), a partir do original *Parental Bonding Instrument* (PBI), desenvolvido por Parker, Tupling e Brown (1979, cit. por Ramos, Leal, & Maroco, 2010).

O instrumento é constituído por duas partes – uma versão ‘mãe’ e uma versão ‘pai’ – de forma a avaliar, separadamente, as experiências com cada um dos progenitores, durante os primeiros 16 anos de vida. De acordo com os autores, o PBI procura avaliar a representação da *ligação* (*bonding* – investimento que os pais fazem na criança) por complemento à *vinculação* (investimento feito pela criança nos pais). Fundamentalmente, pretende avaliar o estilo de investimento (ligação) parental (Parker, Tupling, & Brown, 1979, cit. por Ramos et al., 2010).

No PBI, cada uma das versões (mãe e pai) é constituída por 25 itens, num formato de resposta de Escala de Likert de quatro (4) pontos, em que o 0 corresponde a “discordo totalmente” e o 3 corresponde a “concordo totalmente”. O PBI está organizado em duas grandes dimensões da ligação pais-criança: o Cuidar (*Care*) e a Hiper-protecção (*Overprotection*). Os itens da escala de cuidado avaliam a expressão de afecto, calor emocional e proximidade (Cuidar Contingente), contrastando com temas de rejeição como frieza emocional, indiferença e negligência (Cuidar Negligente). Os itens da escala de hiper-protecção avaliam temas como o controlo, hiper-protecção, intrusão, proximidade excessiva e reforço dos comportamentos de dependência (Negação da Autonomia Psicológica) ou, por outro lado, atitudes e comportamentos que incentivam a independência e autonomia (Autonomia Instrumental). São identificados quatro tipos possíveis de relação pais-criança: 1) Constrangimento Afectivo (elevado cuidar e elevada protecção); 2) Controlo Afectivo (elevada protecção e baixo cuidar); 3) Parentalidade Óptima (elevado cuidar e baixa protecção); 4) Parentalidade Negligente (baixo cuidar e baixa protecção) (Ramos et al., 2010).

Ramos et al. (2010) realizaram um estudo de adaptação e validação deste instrumento para a população portuguesa, traduzindo o nome original para Escala de *Bonding Parental*. Neste estudo utilizaram uma amostra de 149 adultos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos ( $M= 39,1$ ).

No que diz respeito à sensibilidade do instrumento, os autores observaram valores de assimetria e curtose que indicam itens aproximadamente simétricos, com excepção do item 16 (“Fazia-me sentir que não era desejado”), tanto para a versão “mãe” como para a versão “pai” (Ramos et al., 2010).

Foi realizada uma análise factorial confirmatória com o objectivo de confirmar a adequação da estrutura factorial obtida pelos autores da escala original à amostra em estudo, não tendo sido esta confirmada. Dada a não confirmação da estrutura factorial proposta pelos autores da escala original, Ramos et al. (2010) procederam à análise da estrutura da Escala de *Bonding Parental* através da análise factorial exploratória.

Para a versão “mãe” (relativa à percepção da ligação estabelecida com a figura materna) foram encontrados quatro factores (*Cuidar Contingente*, *Negação da Autonomia*, *Autonomia Instrumental* e *Cuidar Negligente*) que permitiram a formulação de quatro dimensões/subescalas que explicam 59% da variância total, em vez das duas dimensões definidas na escala original. Assim, o factor *Cuidar* (*Care*) foi dividido nos factores *Cuidar Contingente* e *Cuidar Negligente* e o factor *Hiper-protecção* (*Overprotection*) foi dividido nos factores *Negação da Autonomia* e *Autonomia Instrumental*. Foram excluídos os itens 7, 13, 18 e 23, por apresentarem um baixo valor de saturação nos quatro factores (Ramos et al., 2010).

Na versão “pai” (relativa à percepção da ligação estabelecida com a figura paterna) encontraram-se três factores, o que permitiu a criação de três dimensões/subescalas (*Cuidar*, *Autonomia Instrumental* e *Negação da Autonomia Psicológica*) que explicam 55% da variância total, em vez das duas dimensões delimitadas na escala original. Nesta versão, o factor *Cuidar* (*Care*) mantém-se igual e o factor *Hiper-protecção* (*Overprotection*) foi distribuído pelos factores *Autonomia Instrumental* e *Negação da Autonomia Psicológica*. O item 25 foi excluído por apresentar um baixo valor de saturação nos três factores (Ramos et al., 2010).

Quanto à consistência interna da Escala de *Bonding Parental*, esta é elevada para cada um dos factores das duas versões, sendo que o *alpha de Cronbach* mais baixo na versão “mãe” é de .74 (*Cuidar Negligente*) e na versão “pai” é de .72 (*Negação da Autonomia Psicológica*) (Ramos et al., 2010).

Após a adaptação do *Parental Bonding Instrument* para a população portuguesa - Escala de *Bonding Parental* (Ramos et al., 2010) – a versão “mãe” passou a ser constituída por 21 itens e a versão “pai” passou a incluir 24 itens.

**Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR.** A Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR é um questionário de auto-resposta, construído numa escala de Lickert de cinco (5) pontos, em que 0 corresponde a “Discordo fortemente” e 4 corresponde a “Concordo fortemente”. Valores mais

elevados reflectem níveis maiores de intimidade nas dimensões avaliadas. Esta escala foi adaptada para a população portuguesa por Moreira, Amaral e Canavarro (2009), a partir do original *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* (PAIR), de Schaefer e Olson (1981, cit. por Moreira, Amaral, & Canavarro, 2009).

Segundo a conceptualização teórica dos autores do instrumento, o PAIR mede o grau de intimidade em cinco áreas diferentes: emocional, sexual, recreacional, intelectual e social. O PAIR pode ser utilizado em todos os níveis de relações diádicas, e permite avaliar o grau de *intimidade percebida* (grau em que cada parceiro se sente íntimo nas várias dimensões da sua relação) e de *intimidade esperada* (grau de intimidade desejado nessa mesma relação). Os autores incluíram, também, uma subescala que pretende avaliar o grau de desejabilidade social contido nas respostas de cada indivíduo, designando-a como subescala de Convencionalidade. A versão final deste instrumento é composta por 36 itens – seis itens em cada uma das subescalas (Schaefer e Olson, 1981, cit. por Moreira et al., 2009).

Os estudos finais das qualidades psicométricas do PAIR (original) mostraram uma validade convergente e discriminante adequada e uma boa fidelidade *split-half*. Quanto aos valores de *alpha de Cronbach* encontrados, situam-se todos acima de .70, o que aponta para uma consistência interna razoável. A análise factorial dos itens levada a cabo por Schaefer e Olson (1981, cit. por Moreira et al., 2009) revelou uma estrutura final de cinco factores, cada um constituído por 6 itens.

Moreira et al. (2009) realizaram um estudo de adaptação e validação do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* para a população portuguesa, utilizando uma amostra de 314 participantes – 130 casais (65 homens e 65 mulheres) e 54 indivíduos (quatro homens e 50 mulheres) – com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos ( $M= 42.19$ ). Todos os participantes estavam envolvidos numa relação amorosa à data da participação no estudo.

Depois de elaborada a versão portuguesa, a escala foi administrada a um grupo piloto. Dadas as dificuldades experimentadas nas respostas aos itens, quando associados à “*intimidade esperada*”, os autores optaram pela exclusão da avaliação da “intimidade esperada”. Neste sentido, a versão portuguesa do PAIR - Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – tem apenas como objectivo avaliar o grau de *intimidade percebida* na relação.

Antes de realizarem as análises estatísticas com o objectivo de estabelecer a estrutura factorial do instrumento, os autores procederam à exclusão dos itens da escala

de *Convencionalidade*, uma vez que são qualitativamente diferentes do constructo de intimidade e não foram concebidos como seus indicadores (Moreira et al., 2009).

Em função dos resultados das análises factoriais realizadas os autores optaram por uma estrutura factorial de 3 factores, que explicam 46,04% da variância. A versão final do PAIR (adaptação portuguesa) tem um total de 36 itens, que se distribuem pelos três factores encontrados e pela escala de *Convencionalidade*. O primeiro factor foi designado de *Validação Pessoal*, sendo esta subescala composta por 14 itens que pretendem avaliar aspectos de intimidade relacionados com o sentimento de validação de opiniões e sentimentos e de aceitação por parte do companheiro num conjunto de diferentes áreas, com a partilha de interesses e de actividades, com a proximidade emocional sentida em relação ao companheiro e com a sexualidade; ao segundo factor foi atribuída a designação de *Comunicação*, contendo dez itens que procuram avaliar, essencialmente, a capacidade e possibilidade de expressão de opiniões, sentimentos e desejos na relação; e o terceiro factor foi designado por *Abertura ao Exterior*, englobando cinco itens relacionados com a abertura da díade conjugal aos outros, nomeadamente aos amigos, e à partilha de amigos comuns. Por último, a escala de *Convencionalidade* mantém os seis itens propostos na versão original do instrumento e tem como objectivo avaliar a desejabilidade social presente nas respostas do indivíduo (Moreira et al., 2009).

Quanto à consistência interna do instrumento, o primeiro e segundo factores, bem como a escala de *Convencionalidade*, apresentam bons índices de fidelidade (Hill & Hill, 2005, cit. por Moreira et al., 2009). O factor *Validação Pessoal* apresenta um *alpha de Cronbach* de .88, o factor *Comunicação* apresenta um valor de .87, e a escala de *Convencionalidade* apresenta um *alpha de Cronbach* de aproximadamente .82. Quanto ao factor *Abertura ao Exterior*, este apresenta um valor ligeiramente inferior (.71), mas que se pode considerar razoável.

Com vista a estabelecer a validade de constructo os autores realizaram, para além da análise factorial e da matriz de correlações entre os factores, a análise da validade convergente da escala. Procuraram testar se a escala se correlaciona significativamente com outras variáveis com as quais o conceito de intimidade e as suas dimensões deveriam relacionar-se (de acordo com a teoria). Neste sentido, utilizaram a Escala de Vinculação no Adulto (EVA), a faceta “Actividade Sexual” da versão breve do World Health Organization Quality of Life (WHOQOL-bref) e, também, a avaliação da duração e da qualidade da relação. A maioria das correlações encontradas é

estatisticamente significativa, o que parece apoiar a validade da versão portuguesa do PAIR (Moreira et al., 2009).

### **2.3. Procedimentos de recolha e análise de dados**

A recolha de dados foi realizada através de um conjunto de questionários de auto-resposta, com perguntas fechadas e com instruções padronizadas. Foi realizada por duas vias – questionários em papel e questionários *online*. Inicialmente, a recolha estava pensada só para a ‘versão papel’, mas devido a uma abstenção maciça de respostas no campo idade, optou-se por colocar os questionários na *internet*, visto ser um meio mais rápido de difundi-los e obter participantes.

Os participantes receberam questionários em papel dentro de um envelope, juntamente com a declaração de consentimento informado e uma ficha de informação aos participantes, onde estavam descritos, de forma resumida, os objectivos gerais do estudo e onde se assegurava a total confidencialidade dos dados. Pediu-se aos participantes que depois de responder aos questionários os colocassem, de novo, dentro do envelope e o selassem, entregando à parte a declaração de consentimento informado, de forma a garantir a confidencialidade das respostas. Estes participantes foram recrutados em vários locais, com ajuda de amigos, familiares e técnicos de saúde do local de estágio da autora (Centro de Saúde de Benfica). Foi pedido às pessoas que ajudaram na investigação que distribuíssem questionários a pessoas entre os 18 e 29 anos, que estivessem envolvidas numa relação amorosa (de qualquer tipo), que tivessem, no mínimo, o primeiro ciclo completo e que fossem de nacionalidade portuguesa. Cada uma das pessoas que colaborou na aplicação e recolha dos questionários recebeu uma folha com os requisitos de participação no estudo e com directrizes para a aplicação dos questionários.

Os questionários *online* foram disponibilizados na *internet* através da ferramenta Google Docs, tendo como primeira página a declaração de consentimento informado e os pré-requisitos para poder participar no estudo. Em seguida, surgiam os questionários, pela mesma ordem que na ‘versão papel’.

Os dados foram recolhidos, no geral, entre Janeiro e Setembro de 2011. Todos os participantes colaboraram de forma voluntária e sob consentimento informado.

Para a análise dos dados utilizámos o programa PASW Statistics (*Predictive Analytics SoftWare*, versão 18 para Windows).

Inicialmente, realizámos uma análise estatística descritiva, com o intuito de caracterizar a amostra relativamente a variáveis sócio-demográficas e a variantes relevantes para o estudo, como o tipo de relacionamento mantido e a duração do mesmo. Assim, exploraram-se estas variáveis através do cálculo da média e desvio-padrão, bem como do cálculo de frequências e percentagens.

Numa segunda fase, procedemos à análise da consistência interna de todas as escalas utilizadas, recorrendo para tal ao cálculo do *alpha de Cronbach*, o índice de precisão mais utilizado em psicometria. Consideraram-se como aceitáveis valores iguais ou superiores a 0.70 (Nunnally, 1978).

Num terceiro momento, para verificar se existiam diferenças significativas entre grupos, utilizámos o teste *t-Student* para grupos com apenas duas dimensões (e.g., sexo), e para as variáveis com mais de duas dimensões (e.g., grau de satisfação com a relação) recorremos à análise de variância (*oneway ANOVA*). Estabelecemos como nível de significância 0.05 ( $p \leq .05$ ), para ambos os testes. Para a análise detalhada das diferenças entre conjuntos de médias foi utilizado o teste H.S.D. de Tukey (*Honestly Significant Difference*). Este teste é um método de comparação múltipla bastante sensível para detectar diferenças entre grupos e é aconselhável quando se pretendem fazer todas as comparações possíveis (Marôco, 2010).

Por fim, e para compreender a relação entre as várias dimensões do PAIR e das sub-escalas materna e paterna da EBP, utilizaram-se correlações de Spearman. Esta escolha deveu-se ao facto de a relação entre as variáveis não ser de tipo linear, o que se verificou através da elaboração de diagramas de dispersão (Marôco, 2010).

### 3. Resultados

Nesta secção, iremos apresentar os resultados encontrados nesta investigação. Começamos com os resultados da Escala de *Bonding* Parental. Em seguida, apresentamos os resultados da Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR. Por fim, apresentamos o resultado das correlações efectuadas entre estas duas escalas.

Para as escalas individualmente, apresentamos os resultados em termos da fiabilidade e da comparação de médias entre as diferentes variáveis em estudo.

#### 3.1. Análise dos resultados da Escala de *Bonding* Parental (EBP)

##### 3.1.1. Análise da Fidelidade da EBP

Com vista a avaliar a consistência interna das várias dimensões avaliadas pelas sub-escalas paterna e materna, calculou-se o *alpha de Cronbach* para cada uma das dimensões. A EBP não contempla o somatório de cada uma das sub-escalas, motivo pelo qual não foi calculado o *alpha de Cronbach* para o total das mesmas.

Relativamente à sub-escala paterna (Quadro 1), a dimensão ‘Cuidado’ obteve um valor inaceitável, pelo que foi excluída das restantes análises. As dimensões ‘Autonomia Instrumental’ e ‘Negação da Autonomia Psicológica’ obtiveram valores razoáveis. Estes resultados são diferentes daqueles encontrados por Ramos et al. (2010). Concretamente, a dimensão ‘Autonomia Instrumental’ teve um  $\alpha$  inferior e a dimensão ‘Negação da Autonomia Psicológica’ obteve um  $\alpha$  superior. A principal diferença encontra-se em relação à dimensão ‘Cuidado’, que no estudo de validação para a população portuguesa obteve um  $\alpha$  elevado e neste estudo mostrou não ter consistência interna.

Quanto à sub-escala materna (Quadro 1), encontraram-se bons níveis de consistência interna nas dimensões ‘Cuidar Contingente’, ‘Negação da Autonomia’ e ‘Cuidar Negligente’, e um valor razoável na dimensão ‘Autonomia Instrumental’. Estes valores são superiores aos encontrados pelos autores da validação da escala para a população portuguesa, com excepção da dimensão ‘Autonomia Instrumental’, que nesta amostra teve um  $\alpha$  inferior.

**Quadro 1:** Características gerais das sub-escalas paterna e materna da EBP

Dimensões	Média	DP	Alpha de Cronbach
<b>Sub-escala paterna</b>			
Cuidar	17.16	2.82	-.603
Autonomia Instrumental	8.22	3.27	.716
Negação Autonomia Psicológica	4.96	4.22	.785
<b>Sub-escala materna</b>			
Cuidar Contingente	13.91	3.97	.877
Negação Autonomia	4.68	3.86	.850
Autonomia Instrumental	9.24	3.30	.770
Cuidar Negligente	3.25	3.60	.821

### **3.1.2. Comparação de Médias das dimensões das sub-escalas paterna e materna em função das variáveis independentes**

Relativamente às dimensões da sub-escala referente à percepção da ligação estabelecida com a figura paterna, não se verificaram diferenças significativas, nem em função do sexo, nem quanto ao tipo de relação amorosa mantida. Constatámos a mesma ausência de diferenças significativas relativamente a todas as dimensões da sub-escala materna.

Quanto à comparação das médias das várias dimensões envolvidas na análise – ‘Autonomia Instrumental’ e ‘Negação da Autonomia’, para a sub-escala paterna, e ‘Cuidar Contingente’, ‘Negação da Autonomia’, ‘Autonomia Instrumental’ e ‘Cuidar Negligente’, para a sub-escala materna – com as variáveis ‘idade’, ‘tempo de relação’ e ‘grau de satisfação com a relação’, os resultados mostraram também não existirem diferenças significativas.



### 3.2. Análise dos resultados da Escala de Avaliação da Intimidade na Relação – PAIR

#### 3.2.1. Análise da Fidelidade do PAIR

Com o objectivo de avaliar a fiabilidade da escala, calcularam-se os *alphas de Cronbach* para cada uma das dimensões que compõem o PAIR, bem como para o total da escala.

Como se pode ver no quadro 2, à excepção da dimensão ‘Abertura ao Exterior’, todas as dimensões, bem como o total da escala, apresentam bons índices de consistência interna. Inicialmente, a dimensão ‘Abertura ao Exterior’ apresentava um valor mais baixo do que o desejável ( $\alpha = .683$ ), pelo que excluímos o item 23 (“Gostamos de realizar juntos actividades ao ar livre”), o que permitiu obter um  $\alpha$  razoável. Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Moreira et al. (2009).

A Escala de Convencionalidade foi tida em consideração nesta primeira fase de análise dos dados, no entanto, uma vez que os seus itens são qualitativamente diferentes do conceito de intimidade e não avaliam este constructo (Moreira et al., 2009), esta não será incluída nas análises posteriores.

**Quadro 2:** Características gerais do PAIR

<b>Dimensões</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>Alpha de Cronbach</b>
Total	105.06	20.93	.936
Validação Pessoal	41.71	9.53	.873
Comunicação	32.06	5.53	.847
Abertura ao Exterior	9.39	3.61	.718
Escala de Convencionalidade	16.11	4.74	.834

#### 3.2.2. Comparação de Médias das dimensões e total do PAIR em função das variáveis independentes

Tanto em relação às dimensões do PAIR como ao total da escala (‘Intimidade Total’) não se verificaram diferenças significativas em função do sexo e do tipo de relação amorosa mantida.

Quanto à comparação das médias das dimensões ‘Validação Pessoal’, ‘Comunicação’ e ‘Abertura ao Exterior’ com as variáveis ‘idade’ e ‘tempo de relação’,

os resultados mostraram também não existirem diferenças significativas entre grupos. O mesmo resultado foi obtido para o total da escala.

No entanto, como podemos ver no quadro 3, há diferenças estatisticamente significativas no grau de intimidade vivenciado, em função do grau de satisfação com a relação. Estas diferenças estão presentes em todas as dimensões – ‘Validação Pessoal’ ( $F = 28.332$ ;  $gl = 3, 109$ ;  $p < .001$ ), ‘Comunicação’ ( $F = 29.690$ ;  $gl = 3, 109$ ;  $p < .001$ ) e ‘Abertura ao Exterior’ ( $F = 5.575$ ;  $gl = 3, 109$ ;  $p = .001$ ) – bem como no total da escala ( $F = 40.667$ ;  $gl = 3, 109$ ;  $p < .001$ ).

**Quadro 3:** Análise das diferenças nas dimensões e total do PAIR, em função do grau de satisfação com a relação (ANOVA *one-way*)

Grau de Satisfação		n	Média	Desvio-Padrão	F	p
<b>Validação Pessoal</b>	Pouco Satisfeito	5	21.60	7.89	28.332	<b>.000</b>
	Medianamente Satisfeito	13	33.08	7.65		
	Satisfeito	47	40.68	8.02		
	Muito Satisfeito	48	47.15	6.20		
<b>Comunicação</b>	Pouco Satisfeito	5	20.20	3.83	29.690	<b>.000</b>
	Medianamente Satisfeito	13	26.46	4.35		
	Satisfeito	47	31.83	4.62		
	Muito Satisfeito	48	35.04	3.62		
<b>Abertura ao Exterior</b>	Pouco Satisfeito	5	4.20	4.09	5.575	<b>.001</b>
	Medianamente Satisfeito	13	8.08	3.82		
	Satisfeito	47	9.40	3.50		
	Muito Satisfeito	48	10.27	3.13		
<b>Intimidade Total</b>	Pouco Satisfeito	5	55.80	15.79	40.667	<b>.000</b>
	Medianamente Satisfeito	13	84.54	12.91		
	Satisfeito	47	102.74	15.99		
	Muito Satisfeito	48	118.02	13.37		

Uma análise dos resultados do teste H.S.D. de Tukey permitiu comparar as diferenças de médias no grau de satisfação com a relação que são estatisticamente significativas. Assim, nas dimensões ‘Validação Pessoal’, ‘Comunicação’ e ‘Intimidade Total’ as diferenças de médias entre os níveis de satisfação ‘Pouco Satisfeito’, ‘Medianamente Satisfeito’, ‘Satisfeito’ e ‘Muito Satisfeito’ são significativas (ver anexo III). Para a dimensão ‘Abertura ao Exterior’ a diferença de médias só é significativa entre os ‘Pouco Satisfeitos’ e ‘Satisfeitos’ ou ‘Muito Satisfeitos’.

### **3.3. Análise da relação entre a percepção da ligação estabelecida com as figuras parentais e o grau de intimidade vivenciado na relação amorosa**

Para estudar a relação entre o grau de intimidade experienciado na relação diádica e a percepção do investimento parental recebido procedemos a análises correlacionais. Para o efeito, utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman.

#### **3.3.1. Correlações entre as diferentes dimensões da intimidade e intimidade geral**

Realizaram-se correlações entre as dimensões do PAIR – ‘Validação Pessoal’, ‘Comunicação’ e ‘Abertura ao Exterior’ – e o total da escala – ‘Intimidade Total’.

Como se pode ver no quadro 4 (pág. 37), todas as dimensões da intimidade apresentam correlações estatisticamente significativas entre si e com o total da escala. A ‘Validação Pessoal’ encontra-se fortemente correlacionada com a ‘Intimidade Total’ ( $\rho = .934$ ) e moderadamente correlacionada com a ‘Comunicação’ ( $\rho = .736$ ). A sua correlação com a dimensão ‘Abertura ao Exterior’ é fraca ( $\rho = .394$ ) mas, ainda assim, significativa.

Quanto à dimensão ‘Comunicação’, esta apresenta uma correlação elevada com a ‘Intimidade Total’ ( $\rho = .868$ ) e fraca, mas estatisticamente significativa, com a ‘Abertura ao Exterior’ ( $\rho = .307$ ). Como já vimos, esta dimensão da intimidade tem uma correlação moderada e estatisticamente significativa com a dimensão ‘Comunicação’.

Por fim, a ‘Abertura ao Exterior’ correlaciona-se de forma moderada e estatisticamente significativa ( $\rho = .510$ ) com a ‘Intimidade Total’ e de forma fraca, mas significativa, com as outras duas dimensões da intimidade.

Estes dados parecem apontar para uma maior influência da ‘Validação Pessoal’ e da ‘Comunicação’ na ‘Intimidade Total’, ou seja, o sentimento de aceitação e de validação de opiniões e sentimentos por parte do companheiro, a proximidade emocional sentida, a sexualidade, bem como a possibilidade de expressão de sentimento e opiniões no seio da relação, parecem ser mais importantes na avaliação do grau de intimidade vivenciado na relação amorosa do que a partilha de amigos e de actividades (‘Abertura ao Exterior’).

### **3.3.2. Relação entre o grau de intimidade vivenciado na relação amorosa e a percepção da ligação estabelecida com as figuras parentais**

Ao analisar o quadro 4, podemos perceber que existem poucas correlações entre as dimensões da EBP e a intimidade experienciada no seio da relação diádica. Aliás, para as duas dimensões em estudo da sub-escala paterna – ‘Autonomia Instrumental’ e ‘Negação da Autonomia Psicológica’ – não se verificaram quaisquer correlações com as dimensões do PAIR e com a ‘Intimidade Total’.

Relativamente à sub-escala materna, a dimensão ‘Negação da Autonomia Psicológica’ mostrou ter correlações negativas significativas, embora fracas, com a ‘Validação Pessoal’, ‘Comunicação’ e ‘Intimidade Total’ ( $\rho = -.232$ ,  $\rho = -.225$  e  $\rho = -.229$ , respectivamente). Estes resultados sugerem uma tendência para que a percepção de comportamentos de controlo, intrusão, hiper-protecção e reforço dos comportamentos de dependência por parte da mãe estejam negativamente associados ao grau de intimidade vivido na relação, ou seja, quanto maior for uma destas dimensões, menor será a outra.

Também se encontraram correlações negativas e significativas, embora fracas, entre o ‘Cuidar Negligente’ e a ‘Abertura ao Exterior’ e ‘Intimidade Total’ ( $\rho = -.237$  e  $\rho = -.201$ , respectivamente), o que sugere, de uma forma geral, alguma relação entre a percepção de comportamentos de frieza emocional, negligência e indiferença por parte da mãe e o nível de intimidade experienciado na relação diádica. Em particular, estes resultados apontam para uma tendência de os comportamentos maternos de rejeição estarem negativamente associados à partilha de actividades e de amigos no seio da díade conjugal.

Quanto às dimensões ‘Cuidar Contingente’ e ‘Autonomia Instrumental’ não se verificaram correlações estatisticamente significativas com as dimensões do PAIR e com o total da escala.

**Quadro 4:** Correlações (Spearman) entre as dimensões da ligação parental (sub-escalas materna e paterna) e as dimensões da intimidade

	Validação Pessoal	Comunicação	Abertura Exterior	Intimidade Total	Cuidar Cont (mãe)	Neg. Auton. Psic.(mãe)	Auton. Instr. (mãe)	Cuidar Negl. (mãe)	Auton. Instr. (pai)	Neg. Auton. Psic (pai)
Validação Pessoal	-	.736**	.394**	.934**	.046	-.232*	.024	-.172	.035	-.100
Comunicação	-	-	.307**	.868**	.166	-.225*	.157	-.163	.030	-.043
Abertura Exterior	-	-	-	.510**	.158	-.109	.106	-.237*	-.011	.006
Intimidade Total	-	-	-	-	.102	-.229*	.052	-.201*	.010	-.040
Cuidar Cont (mãe)	-	-	-	-	-	-.299**	.328**	-.744**	-.102	-.006
Neg. Auton. Psic.(mãe)	-	-	-	-	-	-	-.548**	.351**	-.102	.264**
Auton. Instr. (mãe)	-	-	-	-	-	-	-	-.269**	.314	-.168
Cuidar Negl. (mãe)	-	-	-	-	-	-	-	-	-.034	.077
Auton. Instr. (pai)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	.528**
Neg. Auton. Psic (pai)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Nota: \*\* - A correlação é significativa ao nível de .001; \* - A correlação é significativa ao nível de .005

#### **4. Discussão Geral e Conclusões**

O principal objectivo desta investigação foi o de tentar perceber se existe alguma relação entre a representação do investimento parental e o grau de intimidade experimentado ao nível das relações diádicas, numa amostra de adolescentes e jovens adultos.

Com base nos objectivos propostos e na revisão de literatura (teórica e empírica) efectuada, avançaram-se quatro hipóteses. A primeira diz respeito à relação entre o cuidado parental na infância e a intimidade na idade adulta – quanto maior o investimento parental na criança ao nível do cuidado, maior será o grau de intimidade vivida mais tarde nas relações diádicas. Esta hipótese foi parcialmente confirmada e só no que respeita à ligação estabelecida pela figura materna com a criança/adolescente. Os resultados mostram apenas uma tendência para que a percepção de comportamentos maternos de frieza, rejeição e negligência esteja associada a uma menor vivência de intimidade nas relações amorosas. Particularmente, esta relação parece ser mais importante no que toca à partilha de amigos e de actividades no seio da díade romântica. Embora não tenhamos avaliado o estilo de vinculação romântica nesta amostra, podemos pensar nestes resultados à luz daqueles encontrados por Hazan e Shaver (1987) ao concluírem que os melhores preditores do tipo de vinculação adulta são as percepções que cada indivíduo tem da qualidade da relação com os pais. Os autores verificaram que os indivíduos evitantes, em comparação com os ansiosos-ambivalentes, descrevem mais as suas mães como frias e rejeitantes. Assim, na nossa amostra, talvez possamos inferir que a menor vivência de intimidade, associada à percepção de uma mãe fria e rejeitante, esteja relacionada com um estilo de vinculação mais evitante, o que pode explicar uma certa tendência para o isolamento no contexto da relação amorosa (e.g., não ter amigos nem actividades em comum com o companheiro). Esta ideia vai de encontro às descobertas de Feeney e Noller (1990), que verificaram que os indivíduos evitantes são aqueles que relatam menos confiança nos outros e maior afastamento destes, tendo como principal característica o evitamento da intimidade. Outros autores (e.g., Cassidy, 2001; Rodrigues et al., 2004; Sobral, Almeida e Costa, 2010) apontam dados semelhantes, salientando como a falta de cuidado parental é determinante na construção de estratégias de vinculação inseguras e como a insegurança da vinculação está relacionada com perturbações na vivência da intimidade.

A segunda hipótese em estudo propunha que níveis mais elevados de investimento parental ao nível da protecção estivessem relacionados negativamente com o grau de intimidade vivenciada nas relações amorosas, ou seja, quanto maior o reforço, por parte dos pais, dos comportamentos de dependência, menor seria o nível de intimidade experimentada nas relações amorosas. Os dados provenientes desta amostra oferecem algum suporte a esta hipótese, embora apenas no que toca à ligação estabelecida com a mãe. Os resultados mostram uma tendência para que a percepção de comportamentos maternos de controlo, hiper-protecção, intrusão, proximidade excessiva e de reforço da dependência esteja associada à vivência de um menor grau de intimidade na relação diádica, com principal relevo nas dimensões da intimidade que remetem para a possibilidade de expressão de pensamentos e sentimentos no seio da relação, para a aceitação dos mesmos por parte do companheiro e para a sexualidade. Para interpretar estes dados seria útil ter como variável mediadora a vinculação amorosa, de forma a podermos depreender algo acerca dos modelos internos dinâmicos dos participantes. Sabemos que os estilos de vinculação estão intimamente relacionados com os modelos internos dinâmicos/representações. Neste sentido, a vinculação insegura está associada a modelos internos de si e dos outros negativos, como foi verificado em alguns estudos (e.g., Collins e Read, 1990, Hazan e Shaver, 1987, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001). Pensamos que este resultado possa estar relacionado com a existência, entre os elementos da nossa amostra, de representações do *self* como não sendo merecedor de aceitação, e dos outros como não estando disponíveis e receptivos para os seus conteúdos, transferindo e actuando estes modelos na relação amorosa. Daí a percepção do indivíduo de que não pode expressar os seus pensamentos e sentimentos na relação e de que o companheiro não os aceitará e validará.

A terceira hipótese dizia respeito à relação entre as variáveis ‘percepção do investimento parental’ e ‘grau de intimidade experimentado na relação diádica’, nomeadamente, que a relação seria mais significativa no que diz respeito ao investimento feito pela figura materna. Os resultados que encontrámos confirmam esta hipótese. Ainda que as correlações encontradas entre as duas variáveis, no que toca à percepção da ligação estabelecida com a mãe, sejam baixas e devam ser interpretadas com precaução, a verdade é que não encontrámos quaisquer correlações no que respeita à ligação estabelecida com a figura paterna. Tal pode dever-se, por um lado, às qualidades psicométricas da sub-escala paterna da EBP nesta amostra – houve a

exclusão da dimensão ‘Cuidado’ devido a um *alpha de Cronbach* inaceitável, o que por si diminui a possibilidade de encontrar resultados significativos no que toca à relação estabelecida com o pai. Por outro lado, e de acordo com a literatura, a relação com a mãe parece ser mais relevante no estilo de relacionamento amoroso adoptado, uma vez que esta se constitui como um protótipo para as relações íntimas futuras. Um resultado semelhante foi encontrado por Bragança e Campos (2010), que verificaram que as experiências de vinculação com figura materna mostraram-se mais importantes para a vinculação ao par amoroso do que as experiências com a figura paterna.

A quarta e última hipótese previa diferenças no grau de intimidade experienciado na relação em função das variáveis idade, sexo, tipo de relação, tempo de relação e grau de satisfação com a relação. Os resultados apurados na nossa amostra apenas permitiram confirmar parte da hipótese. Não foram encontradas diferenças em função da idade, sexo, tempo de relação e tipo de relação. As únicas diferenças significativas encontradas referem-se ao grau de satisfação com a relação. Os dados mostram que quanto maior é o nível de satisfação com a relação, maior é o grau de intimidade vivenciado, o que vai de encontro ao resultado encontrado por Moreira et al. (2009). No entanto, estas autoras verificaram que o tempo de relação estava negativamente associado à intimidade vivida, ou seja, quanto mais longa a relação, menor a intimidade experienciada. Na amostra deste estudo esse resultado não se verificou, parecendo não haver influência do tempo de relação na intimidade.

Salientamos que, apesar de termos encontrado alguma relação entre a percepção do investimento parental recebido na infância e a vivência de intimidade na adolescência/adulthood, os resultados devem ser interpretados com muita precaução. E esta questão remete-nos algumas limitações que apontamos a este estudo.

Em primeiro lugar, o tamanho da amostra não permite generalizações sobre os resultados. Para tal, a amostra deveria ser maior e ser representativa da população portuguesa. Apesar da nossa preocupação em ter uma amostra aleatória (ou o mais possível), não tivemos a pretensão de seleccionar participantes com vista a criar uma amostra representativa. Tal seria muito interessante mas, devido a constrangimentos de tempo, foi impossível. Outra questão que traz limitações ao estudo é a forma de selecção da amostra. Inicialmente, pensámos a recolha de dados só para questionários em papel, que seriam entregues directamente aos participantes. Os dados seriam recolhidos na área da grande Lisboa e seria possível controlar algumas variáveis (e.g., veracidade sobre a idade e sobre estar envolvido numa relação amorosa). No entanto,



devido aos problemas enunciados no capítulo da metodologia, tornou-se necessário recorrer a outro método complementar de recolha de dados, tendo-se optado pela recolha online (por ser mais abrangente). Apesar de existirem critérios mínimos para a participação no estudo e destes terem sido anunciados na divulgação do mesmo, deixámos de poder controlar as variáveis que acabámos de referir. Isto, claramente, faz com que se tenha de ter uma precaução adicional na interpretação dos resultados desta amostra. No entanto, há variáveis que não podem ser controladas, tal como é o caso da veracidade e não aleatoriedade das respostas. Ou seja, não podemos controlar se a pessoa responde ao acaso e/ou se responde de forma falsa ou verdadeira. No presente estudo, houve uma ocorrência que poderá ter tido na sua origem a aleatoriedade das respostas: a ausência de consistência interna na dimensão ‘Cuidar’ da sub-escala paterna da EBP. Este resultado significa que os itens que compunham esta dimensão e que pretendiam avaliar o mesmo constructo (a expressão de afecto, calor emocional e proximidade e temas de rejeição como frieza emocional, indiferença e negligência) nesta amostra não funcionaram. No entanto, sabemos que a versão portuguesa da EBP (Ramos et al., 2010) obteve um bom índice de consistência interna nesta dimensão ( $\alpha = .92$ ), o que indica que os itens medem o que é proposto medir. Assim sendo, a nossa possível explicação para o valor inaceitável de *alpha de Cronbach* obtido na dimensão ‘Cuidar’ paterno tem a ver com a aleatoriedade das respostas. Ainda assim, seria interessante pensar por que é que este problema só surgiu nesta dimensão. Será que o tema do cuidado paterno suscitou algum tipo de angústia que tenha posto em marcha mecanismos de defesa? Fica a questão no ar e a sugestão de esse tema poder servir de mote para estudos futuros.

Além das limitações já apontadas, outra questão deve ser tida em conta na interpretação dos resultados: as correlações obtidas foram baixas, sugerindo apenas uma tendência para que os resultados das duas variáveis em estudo – percepção do investimento parental e grau de intimidade vivenciado na relação amorosa – variem em conjunto. Estes resultados não vão totalmente ao encontro do que esperávamos e isso fez-nos pensar no “porquê”. A revisão de literatura que fizemos – tanto teórica como empírica – enfatiza a importância das experiências precoces com os pais (embora mais com a mãe) na formação de um estilo relacional que será transportado para relações futuras (Ainsworth, 1969; Freud, 1938; Hazan & Shaver, 1987; Lima et al., 2006; Madsen et al., 2001; Matos & Costa, 2006; Mitchell, 2000; Simpson, 1990; Soares & Dias, 2007, cit. por Bragança & Campos, 2010). Assim, esperávamos encontrar

correlações mais elevadas entre as duas variáveis. É verdade que não temos, para comparação, estudos que tenham tentado avaliar a relação directa entre o *bonding* parental e a intimidade, daí que tenhamos pensado que este estudo podia ser uma mais-valia. No entanto, tendo em conta os resultados obtidos, pensamos que o constructo avaliado pela EBP – ‘representação da ligação parental’ – talvez não seja o que mais influencia, por si só, a vivência da intimidade. Lembremos que o *bonding* parental (investimento feito pelos pais na criança) existe por complemento à vinculação (investimento feito pela criança nos pais), e esta parece estar mais relacionada directamente com a vivência de intimidade, como mostram diversos estudos (Bragança & Campos, 2010; Cassidy, 2001; Feeney & Noller, 1990; Moreira et al., 2009; Sobral et al., 2010). Neste sentido, pensamos que teria sido importante associar aos dois instrumentos utilizados (EBP e PAIR) um instrumento de avaliação da vinculação do adulto (e.g., Escala de Vinculação do Adulto), uma vez que a ligação parental e a vinculação são duas faces da mesma moeda (relação pais-filho), complementam-se. Neste caso, teria sido útil ter a vinculação adulta como uma variável mediadora entre a percepção da ligação estabelecida com os pais na infância e o grau de intimidade experienciado nas relações amorosas na idade adulta, pois acreditamos que iria enriquecer este estudo.

Como vemos, este estudo tem várias limitações de ordem metodológica. No entanto, também acreditamos que traz algo de original e que pode abrir caminho a investigações futuras. Pensamos que seria interessante replicar este estudo, colmatando, no entanto, as falhas aqui identificadas (na medida do possível).

A principal conclusão deste estudo é que, ainda que os resultados encontrados nesta amostra tenham sido muito moderados, a influência das relações precoces na vivência de intimidade nas relações amorosas é indubitável. Somo seres relacionais por excelência. Nascemos da e na relação. As primeiras relações significativas (com os pais, normalmente) ficam gravadas em nós e acompanham-nos pelo resto da vida. Nem sempre as primeiras experiências relacionais são positivas e, nesses casos, embora difícil, alguma mudança é possível com apoio psicoterapêutico. Acreditamos que este é um tema com fortes implicações para a prática clínica de psicólogos e psicoterapeutas, mas isso já seria “outra tese”...

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S. (1979). Infant-Mother Attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932-937.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An Ethological Approach to Personality Development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.
- Akhtar, S. (2005). Primeiros relacionamentos e sua internalização. In E. S. Person, A. M. Cooper & G. O. Gabbard (Eds.), *Compêndio de Psicanálise* (pp. 54-70). Brasil: Artmed.
- Beyers, W., & Seiffge-Krenke, I. (2010). Does Identity Precede Intimacy? Testing Erikson's Theory on Romantic Development in Emerging Adults of the 21st Century. *Journal of Adolescent Research*, 25(3), 387-415.
- Bragança, A., & Campos, R. C. (2010). *Estilos de vinculação amorosa e experiências relacionais na infância de cariz disfuncional: Um estudo com uma amostra de estudantes universitários*. In Actas VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Braga: Universidade do Minho.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bowlby, J. (1951). *Maternal Care and Mental Health*. Report prepared on behalf of World Health Organization (2ª Ed.). Geneva: World Health Organization.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.
- Bowlby (1969). *Apego e Perda: Apego* (2ª Ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby (1973). *Apego e Perda: Separação* (2ª Ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto.
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies and intimacy: an attachment perspective. *Attachment and Human Development*, 2(3), 121-155.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult Attachment, Working Models, and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Costa, M. E. (1996). A intimidade à procura de um psicoterapeuta. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 5-11.

- Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M. T., & Costa, M. E. (2006). Desenvolvimento da Escala de Dimensões da Intimidade: primeiro estudo empírico. *Psychologica*, 41, 45-63.
- Dias, G. F., & Fontaine, A. M. (1996). Tarefas Desenvolvidas e Bem-estar dos jovens: Algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment Style as a Predictor of Adult Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281-291.
- Franco, A. C., & Campos, R. C. (2010). *Representações parentais e traços desadaptativos de personalidade: Um estudo com uma amostra não-clínica de adultos*. In Actas VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Braga: Universidade do Minho.
- Freud, S. (1938). An Outline of Psychoanalysis. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Vol. XXIII. London: Hogarth Press.
- Furman, W. (2002). The emerging field of Adolescent romantic relationships. *Current Directions in Psychological Science*, 11(5), 177-180.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1983). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Hook, M. K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling and Development*, 81, 462-472.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Kernberg, O. F. (2005). Teorias e técnica das relações objectais. In E. S. Person, A. M. Cooper & G. O. Gabbard (Eds.), *Compêndio de Psicanálise* (pp. 71-88). Brasil: Artmed.
- Laurenceau, J.-P., Barrett, L. F., & Pietromonaco, P. R. (1998). Intimacy as an Interpersonal Process: The Importance of Self-Disclosure, Partner Disclosure, and Perceived Partner Responsiveness in Interpersonal Exchanges. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1238-1251.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20(1), 51-63.
- Machado, C. (1997). A Psicanálise enquanto relação intersubjectiva. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 27(2), 39-42.

- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9-24.
- Matos, P., & Costa, M. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, XX (1), 97-126.
- Mitchell, S. A. (2000). Object relations theory. In Encyclopedia of psychology, Vol.5. Kazdin, Alan E. (Ed.); Washington, DC, EUA: American Psychological Association, 488-490.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* (PAIR) para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2007). Conjugalidades – Um olhar sobre satisfação, intimidade e pressupostos sobre a evolução da sexualidade. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 215-239.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: Mc Graw Hill.
- Papalia, D., Olds, S., Feldman, R. (2007). *Human Development*. New York: McGraw-Hill International Edition.
- Pinto, M. C. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Lisboa: Universidade Aberta.
- Priel, B., & Besser, A. (2001). Bridging the gap between attachment and object relations theories: A study of the transition to motherhood. *British Journal of Medical Psychology*, 74, 85-100.
- Ramos, V. (2007). *Estudo preliminar do Parental Bonding Instrument: Adaptação de um instrumento de medida*. Tese de Mestrado em Psicologia da Gravidez e da Parentalidade. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Ramos, V., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Escala de Bonding Parental. In I. Leal & J. Maroco (Eds.) *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Register, L. M., & Henley, T. B. (1992). The phenomenology of intimacy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 467-481.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da

- relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4(XXII), 643-665.
- Roisman, G. I., Madsen, S. D., Hennighausen, K.H., Sroufe, A., & Collins, W. A. (2001). The Coherence of Dyadic Behavior across Parent-Child and Romantic Relationships as Mediated by the Internalized Representation of Experience. *Attachment and Human Development*, 3(2).
- Sá, M. T. C. (2009). Angústias Precoces, *Revêrie Materna*, Destinos da Violência. *Interacções*, 13, 338-352. Obtido de <http://nonio.eses.pt/interaccoes>
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27(6), 519-531.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of Attachment Styles on Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980.
- Sobral, M. P., Almeida, P. R., & Costa, M. E. (2010). *Medo da intimidade, vinculação e divórcio parental: um estudo com jovens adultos*. In Actas VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Braga: Universidade do Minho.
- Target, M. (2005). Teoria e pesquisa sobre apego. In E. S. Person, A. M. Cooper & G. O. Gabbard (Eds.), *Compêndio de Psicanálise* (pp. 169-182). Brasil: Artmed.
- Thériault, J. (1998). Assessing intimacy with the best-friend and the sexual partner during adolescence: The PAIR-M Inventory. *The Journal of Psychology*, 135(5), 493-506.
- Tracy, R. L., & Ainsworth, M. D. S (1981). Maternal Affectionate Behavior and Infant-Mother Attachment Patterns. *Child Development*, 52, 1341-1343.
- Weinberger, M. I., Hofstein, Y., & Whitbourne, S. K. (2008). Intimacy in young adulthood as a predictor of divorce in midlife. *Personal Relationships*, 15, 551-557.
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.

## **Anexos**

## **Anexo I**



## Declaração de Consentimento Informado

A sua participação neste estudo consiste em completar diversos questionários relacionados com os seus sentimentos, pensamentos e comportamentos no que respeita à sua relação com os seus pais, na infância e adolescência, e no que respeita à sua actual relação amorosa.

1. A sua participação é **completamente voluntária**.
2. As respostas às perguntas em todos os questionários manter-se-ão **anónimas**. Não haverá nenhuma informação identificável incluída nos questionários.
3. Poderá, a qualquer momento, desistir de participar no estudo.
4. A duração prevista do preenchimento dos questionários é de cerca de 20 minutos.

Se tiver questões relacionadas com este estudo, por favor contacte a autora - Ana Rita Oliveira – através do endereço electrónico [ana.oliveira@campus.ul.pt](mailto:ana.oliveira@campus.ul.pt).

**Ao assinar, declaro que tenho 18 anos de idade ou mais, que li e entendi a declaração acima, e que concordo participar neste estudo.**

**Assinatura do participante** \_\_\_\_\_

**Data** \_\_\_\_\_

**Responsável pela aplicação (nome)** \_\_\_\_\_

**(assinatura)**

\_\_\_\_\_

## **Anexo II**

Lisboa, 28 de Fevereiro de 2011

**Assunto: Pedido de Autorização para Investigação**

Exma. Sra. Dra. Manuela Peleteiro, Directora Executiva do ACES Lisboa Norte

Eu, Ana Rita Sousa Oliveira, aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia (Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica) da Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa, que me encontro, actualmente, a realizar o estágio académico no Centro de Saúde de Benfica, gostaria de ali recolher dados para o meu trabalho de investigação no âmbito do referido Mestrado. Este trabalho decorre sob orientação da Professora Doutora Constança Biscaia e virá a constituir a minha dissertação de Mestrado.

O estudo tem como objectivo alargar o conhecimento acerca da relação entre as experiências vividas na infância com os pais e a vivência de relações amorosas em adolescentes tardios e jovens adultos, ou seja, pessoas de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos.

Neste sentido, venho solicitar a V. Exa., autorização para aplicar alguns questionários aos utentes que se mostrarem disponíveis para participar na investigação.

Os utentes serão seleccionados a partir das indicações fornecidas pela Psicóloga Dra. Alexandra Pires, e os questionários serão aplicados em calendário a acordar, dentro da disponibilidade de cada utente.

A confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos serão asseguradas pelo anonimato da identificação dos utentes.

Agradeço, desde já, a atenção, na certeza de que este pedido será alvo da melhor apreciação.

Subscrevem-se atentamente,

A Aluna

A Orientadora

(Ana Rita Oliveira)

(Prof. Doutora Constança Biscaia)

## **Anexo III**

**Quadro 1:** Teste H.S.D. de Tukey – Dimensão ‘Validação Pessoal’

<b>Variável Dependente</b>	<b>(I) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>(J) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>Dif. Médias (I-J)</b>	<b>Erro Padrão</b>	<b>Sig.</b>
<b>Validação Pessoal</b>	Pouco Satisfeito	Medianamente Satisfeito	-11,476 <sup>*</sup>	3,811	,017
		Satisfeito	-19,080 <sup>*</sup>	3,407	,000
		Muito Satisfeito	-25,545 <sup>*</sup>	3,403	,000
	Medianamente Satisfeito	Pouco Satisfeito	11,476 <sup>*</sup>	3,811	,017
		Satisfeito	-7,603 <sup>*</sup>	2,269	,006
		Muito Satisfeito	-14,068 <sup>*</sup>	2,264	,000
	Satisfeito	Pouco Satisfeito	19,080 <sup>*</sup>	3,407	,000
		Medianamente Satisfeito	7,603 <sup>*</sup>	2,269	,006
		Muito Satisfeito	-6,464 <sup>*</sup>	1,486	,000
	Muito Satisfeito	Pouco Satisfeito	25,545 <sup>*</sup>	3,403	,000
		Medianamente Satisfeito	14,068 <sup>*</sup>	2,264	,000
		Satisfeito	6,464 <sup>*</sup>	1,486	,000

\* A diferença é significativa ao nível de significância de 0.05

**Quadro 2:** Teste H.S.D. de Tukey – Dimensão ‘Comunicação’

<b>Variável Dependente</b>	<b>(I) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>(J) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>Dif. Médias (I-J)</b>	<b>Erro Padrão</b>	<b>Sig.</b>
<b>Comunicação</b>	Pouco Satisfeito	Medianamente Satisfeito	-6,261 <sup>*</sup>	2,188	,026
		Satisfeito	-11,629 <sup>*</sup>	1,955	,000
		Muito Satisfeito	-14,841 <sup>*</sup>	1,954	,000
	Medianamente Satisfeito	Pouco Satisfeito	6,261 <sup>*</sup>	2,188	,026
		Satisfeito	-5,368 <sup>*</sup>	1,303	,000
		Muito Satisfeito	-8,580 <sup>*</sup>	1,300	,000
	Satisfeito	Pouco Satisfeito	11,629 <sup>*</sup>	1,955	,000
		Medianamente Satisfeito	5,368 <sup>*</sup>	1,303	,000
		Muito Satisfeito	-3,211 <sup>*</sup>	,853	,002
	Muito Satisfeito	Pouco Satisfeito	14,841 <sup>*</sup>	1,954	,000
		Medianamente Satisfeito	8,580 <sup>*</sup>	1,300	,000
		Satisfeito	3,211 <sup>*</sup>	,853	,002

\* A diferença é significativa ao nível de significância de 0.05

**Quadro 3:** Teste H.S.D. de Tukey – Dimensão ‘ Abertura ao Exterior’

<b>Variável Dependente</b>	<b>(I) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>(J) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>Dif. Médias (I-J)</b>	<b>Erro Padrão</b>	<b>Sig.</b>
<b>Abertura ao Exterior</b>	Pouco Satisfeito	Medianamente Satisfeito	-3,876	1,793	,141
		Satisfeito	-5,204 <sup>*</sup>	1,603	,008
		Muito Satisfeito	-6,070 <sup>*</sup>	1,601	,001
	Medianamente Satisfeito	Pouco Satisfeito	3,876	1,793	,141
		Satisfeito	-1,327	1,068	,601
		Muito Satisfeito	-2,193	1,065	,173
	Satisfeito	Pouco Satisfeito	5,204 <sup>*</sup>	1,603	,008
		Medianamente Satisfeito	1,327	1,068	,601
		Muito Satisfeito	-,866	,699	,604
	Muito Satisfeito	Pouco Satisfeito	6,070 <sup>*</sup>	1,601	,001
		Medianamente Satisfeito	2,193	1,065	,173
		Satisfeito	,866	,699	,604

\* A diferença é significativa ao nível de significância de 0.05

**Quadro 4:** Teste H.S.D. de Tukey – ‘Intimidade Total’

<b>Variável Dependente</b>	<b>(I) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>(J) Grau de Satisfação com a Relação</b>	<b>Dif. Médias (I-J)</b>	<b>Erro Padrão</b>	<b>Sig.</b>
<b>Intimidade Total</b>	Pouco Satisfeito	Medianamente Satisfeito	-28,738 <sup>*</sup>	7,670	,002
		Satisfeito	-46,9446 <sup>*</sup>	6,856	,000
		Muito Satisfeito	-62,220 <sup>*</sup>	6,849	,000
	Medianamente Satisfeito	Pouco Satisfeito	28,738 <sup>*</sup>	7,670	,002
		Satisfeito	-18,206 <sup>*</sup>	4,567	,001
		Muito Satisfeito	-33,482 <sup>*</sup>	4,557	,000
	Satisfeito	Pouco Satisfeito	46,944 <sup>*</sup>	6,856	,000
		Medianamente Satisfeito	18,206 <sup>*</sup>	4,567	,001
		Muito Satisfeito	-15,276 <sup>*</sup>	2,991	,000
	Muito Satisfeito	Pouco Satisfeito	62,220 <sup>*</sup>	6,849	,000
		Medianamente Satisfeito	33,482 <sup>*</sup>	4,557	,000
		Satisfeito	15,276 <sup>*</sup>	2,991	,000

\* A diferença é significativa ao nível de significância de 0.05